



PAULA FRASSINETTI
Escola Superior de Educação

Pós-Graduação em Educação Especial: inclusão, desenvolvimento e aprendizagens

Os professores de Educação Física e o Decreto-lei nº 54/2018

Ana Cristina Rodrigues Laranjeira

Orientador: Doutor Carlos Manuel Peixoto Afonso

Porto

Julho 2022

Resumo

Com a aplicação do Decreto-lei nº54/2018 nas escolas e com a presença de todos os alunos nas aulas práticas de Educação Física surgem dificuldades, na prática pedagógica, dos professores para aplicar todos os conteúdos para todos os alunos. É urgente que a escola e os professores estejam preparados e arranjem soluções para potencializar as capacidades de cada aluno, indo ao encontro das suas necessidades.

Este trabalho pretende fazer um levantamento das dificuldades sentidas pelos professores de Educação Física a partir da aplicação deste decreto, assim como de perceber quais as estratégias que eles usaram neste contexto. Tendo como base a pergunta de partida “Qual o impacto do decreto-lei nº 54/2018, na prática pedagógica, na perspetiva dos docentes de educação física?” foram realizadas entrevistas para que cinco professores de Educação Física partilhassem as suas experiências e vivências na sua prática pedagógica e adaptação ao Decreto-Lei nº54/2018.

Após realizada a análise de conteúdo destas entrevistas foi possível verificar que os professores sentem que há pontos negativos, nomeadamente o aumento da burocracia, o número excessivo de alunos por turma, a falta de um professor coadjuvante de Educação Física, assim como a falta de formação dada a nível burocrático, mas também a nível prático. Por outro lado, há uma enorme colaboração, por parte de toda a comunidade educativa, para que todos os alunos se sintam integrados em qualquer parte e atividade da escola. É também perceptível que os professores de EF fazem constantes planeamentos, reflexões e adaptações para a melhoria da prática pedagógica, sendo o objetivo valorizar a diversidade encontrada nos seus alunos e que estes aprendam, verdadeiramente, os conteúdos da EF.

Por fim, é possível concluir que este estudo pretende que sejam, cada vez mais, estudadas as estratégias para que os professores de educação física valorizem cada aluno e adaptem a sua prática pedagógica aos seus alunos.

Palavras-chave: DECRETO-LEI Nº 54/2018, ESCOLA INCLUSIVA, EDUCAÇÃO FÍSICA, ESTRATÉGIAS.

Abstrat

With the application of Decree-Law No. 54/2018 in schools and with the presence of all students in practical physical education classes, difficulties arise, in pedagogical practice, of teachers to apply all contents to all students. It is urgent that the school and teachers be prepared and find solutions to enhance the capacities of each student, meeting their needs.

This work aims to make a survey of the difficulties felt by physical education teachers from the application of this decree, as well as to understand which strategies they used in this context. Based on the starting question "What is the impact of Decree-Law No. 54/2018, on pedagogical practice, from the perspective of physical education teachers?" interviews were conducted for five Physical Education teachers to share their experiences and experiences in their pedagogical practice and adaptation to Decree-Law No. 54/2018.

After analyzing the content of these interviews, it was possible to verify that teachers feel that there are negative points, namely the increase in bureaucracy, the excessive number of students per class, the lack of an adjunct teacher of Physical Education, as well as the lack of training given at the bureaucratic level, but also at the practical level. On the other hand, there is a huge collaboration, on the part of the entire educational community, so that all students feel integrated in any part and activity of the school. It is also noticeable that THE teachers make constant planning, reflections and adaptations for the improvement of pedagogical practice, and the objective is to value the diversity found in their students and that they truly learn the physical education contents.

Finally, it is possible to conclude that this study aims to study more and more strategies for physical education teachers to value each student and adapt their pedagogical practice to their students.

Keywords: DECREE-LAW N°54/2018, INCLUSIVE SCHOOL, PHYSICAL EDUCATION, STRATEGIES

ÍNDICE

ABREVIATURAS.....	5
INTRODUÇÃO	6
PARTE I - ENQUADRAMENTO TEÓRICO.....	8
Escola Inclusiva	9
O Decreto-lei nº 54/2018.....	11
A adaptação das escolas ao decreto - lei 54/2018	15
A importância da Educação Física.....	18
A formação do professor de Educação Física	22
Ser professor de educação física (inclusivo).....	24
PARTE II - COMPONENTE EMPÍRICA	29
Construção do objeto do estudo	30
Opções metodológicas.....	31
Apresentação e discussão dos resultados.....	34
Organização curricular.....	35
Prática pedagógica	37
Importância da EF	41
Formação.....	42
Síntese dos resultados.....	43
CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
BIBLIOGRAFIA	51
ANEXOS	53

ABREVIATURAS

CAA - centro de apoio à aprendizagem

CT – conselho de turma

DL – decreto-lei

DUA - desenho universal para a aprendizagem

DT – diretor de turma

EF – educação física

EMAEI - equipa multidisciplinar de apoio à educação inclusiva

MA – medidas adicionais

PP- prática pedagógica

INTRODUÇÃO

Este trabalho surge no âmbito da Unidade Curricular Seminário de projeto – domínio cognitivo e motor, da Pós-graduação em educação especial: inclusão, desenvolvimento e aprendizagens, da Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti.

O tema que é apresentado neste projeto é o impacto do decreto-lei nº 54/2018, na prática pedagógica, dos docentes de Educação Física (EF). Ele surgiu derivado das inquietações da nossa prática como docente de Educação Física. Durante essa prática foram sentidas sérias dificuldades na adaptação dos exercícios práticos para todos os alunos, pelo que se tornou importante perceber as dificuldades e identificar estratégias que têm aplicado colegas de outras escolas.

Assim definimos como questão de pesquisa deste trabalho: “Qual o impacto do decreto-lei nº 54/2018, na prática pedagógica, na perspectiva dos docentes de educação física?”.

Como objetivos consideramos:

Identificar dificuldades sentidas pelos professores de EF na sua prática pedagógica.

Delinear estratégias para a melhoria da prática pedagógica dos professores de EF na inclusão de todos os alunos nas aulas de EF.

Após esta breve introdução é feita uma reflexão sobre o atual estado da escola inclusiva, tendo em conta que coma aplicação nas escolas do decreto-lei nº54/2018 toda a comunidade educativa teve que se adaptar para conseguir alcançar o objetivo final – o acesso de todos os alunos à escola e às atividades escolares. Nesse sentido, é fundamental abordar os princípios básicos do DL e a adaptação das escolas ao mesmo. Em seguida, refere-se a importância da

educação física, a formação do professor de EF e, por fim, como deve ser um professor de EF inclusivo.

Após a primeira fase de enquadramento teórico, surge a parte empírica, onde é explicitado o objeto de estudo e desenvolvida a opção metodológica - método qualitativo, através de entrevistas – que foi adotada. São, ainda, apresentados os sujeitos entrevistados e referidos os procedimentos desenvolvidos. Em seguida, procede-se à análise e discussão dos resultados.

O trabalho termina com Considerações finais onde é feita uma reflexão global e elencadas ideias para o futuro.

PARTE I - ENQUADRAMENTO TEÓRICO

Escola Inclusiva

Para se chegar à realidade de uma escola inclusiva foi preciso superar várias fases: 1ª reconhecimento do direito de educação para todos; 2ª criação de instituições diferenciadas, marginais e segregadoras; 3ª integração parcial (os alunos frequentavam aulas especiais nas escolas); 4ª integração plena – todos os alunos participam nas atividades escolares, apresentando as suas próprias limitações e potencialidades. Ao superar estas fases houve mudanças a nível social e a nível educativo. Nas mudanças sociais acredita-se que as pessoas que apresentam incapacidades devem desfrutar de condições favoráveis para ter acesso a uma vida e experiências ditas normais. Posteriormente, as mudanças no sistema educativo reformulam o objetivo da educação - adaptar-se e dar oportunidade a que cada um dos seus alunos possa desenvolver as suas potencialidades dentro das suas limitações.

Em Portugal, o DL nº54/2018 veio estabelecer os princípios e as normas que garantem a inclusão, sendo que este documento será trabalhado mais à frente neste projeto.

A escola inclusiva certifica-se que o aluno está integrado numa turma (podendo receber apoios especiais), sabe que tem que se adaptar às suas limitações psico-físicas, considera que o currículo deve ser aberto e flexível e prevê que as metodologias de ensino sejam as mais individualizadas possíveis. Cuomo, 1994 & Dyson, 1997 cit Mata, F. (2005, pag.44) levantam a questão “dificuldades de aprendizagem ou dificuldades de ensino?” e ainda se “a escola inclusiva é uma ideia ou uma realidade”. A estas duas questões é importante referir e concluir que a escola é um fator chave para a inclusão. Na primeira pergunta, toda a escola, e em específico, os professores devem conseguir identificar e colmatar as dificuldades de aprendizagem dos alunos e devem, também, procurar estratégias para que as suas matérias e os seus conteúdos sejam compreendidos e aprendidos pelos seus alunos. Por isso, os professores devem estar em constante reflexão em relação à sua prática pedagógica e aos

seus alunos, em particular. Em relação à segunda questão cada vez mais a nossa sociedade está sensibilizada para que todos tenham acesso à educação e, por isso, cada vez mais se tomam medidas para que isto aconteça na realidade.

Em Portugal o desenvolvimento da escola inclusiva tem sido feito, ao longo do tempo, nas diferentes escolas e o trabalho continua sempre por fazer, pois em todos os anos letivos há novos alunos e novos desafios para aprendizagem. Portanto, para se obter uma escola inclusiva, é necessário um trabalho duradouro, consistente, reflexivo e adaptado ano após ano.

A escola inclusiva integra alunos que apresentam limitações graves e alunos de grupos de risco (nomeadamente alunos institucionalizados, de classes socioeconomicamente baixas, imigrantes), sendo que todos vão encontrar problemas de aprendizagem e a escola deve questionar-se como pode ajudar os seus alunos para que estes consigam alcançar as metas definidas. Posto isto, é fácil concluir que a resposta e a adaptação das próprias escolas dependem dos alunos, dos pais, professores e do ambiente que rodeia a própria escola.

Mata, F. (2005, pag.46) refere que “a escola inclusiva assume que qualquer criança pode aprender, se se proporcionar o ambiente adequado, se houver estimulação e atividades significativas e que a melhor forma de haver benefício na educação é estudarem juntos”.

A escola inclusiva, para além de razões económicas e razões académicas, baseia-se em razões sociais, pois pretende-se que todos os alunos sejam preparados pessoal, social e profissionalmente para se inserirem na sociedade.

Neste contexto é importante analisar o DL nº 54/2018, de 6 de julho, pois pretende criar condições para uma escola inclusiva com o objetivo que a mesma encontre respostas para se adaptar à diversidade das necessidades e

potencialidades dos seus alunos e que lhes proporcione experiências e atividades relevantes para o seu desenvolvimento.

O Decreto-lei nº 54/2018

Com este DL é possível verificar que o governo pretende que a escola seja inclusiva para todos os alunos, independentemente da sua condição social e pessoal. O objetivo da inclusão só é conseguido se houver colaboração de toda a sociedade e cooperação entre todos os recursos disponíveis, nomeadamente os da educação, da saúde, da cultura, da formação profissional, do emprego e da segurança social.

Ao longo do DL é possível encontrar o grande objetivo do mesmo, algumas definições para que o documento seja melhor interpretado, os princípios orientadores para atingir o objetivo, as linhas de atuação para a inclusão, linhas gerais para o envolvimento dos encarregados de educação, as medidas e os recursos específicos de suporte à aprendizagem, assim como identificar a determinação da necessidade das medidas de suporte à aprendizagem e à inclusão.

O objetivo deste decreto-lei é que a escola aceite, integre e considere cada criança como uma individualidade que tem as próprias potencialidades, dificuldades e necessidades e que crie condições, princípios e normas para encontrar respostas para que cada um usufrua o máximo possível do ensino. Tal pressupõe que cada escola e os seus profissionais possuam a sua própria autonomia para encontrar as melhores estratégias e optar pela diversificação curricular. Este documento contribui para aumentar os níveis de coesão social, fazendo com que alunos que apresentam dificuldades não sejam colocados de lado na sociedade e que tenham oportunidade para vivenciar e conviver com todos os outros alunos.

Alguns princípios orientadores deste decreto são: educabilidade universal, equidade, inclusão, personalização, flexibilidade, autodeterminação, envolvimento parental, interferência exclusiva a entidades que promovam o desenvolvimento pessoal e educativo dos alunos.

Este DL refere que no centro de atividade de uma escola devem estar o currículo e as aprendizagens dos alunos, sendo que a escola tem que valorizar a diversidade de cada criança e permitir que todas aprendam e que participem nas atividades escolares. Desta forma a escola, através da sua autonomia, deve adaptar-se e mobilizar todos os meios possíveis para que os alunos tenham acesso ao processo de ensino aprendizagem. Os docentes de educação especial são parte fundamental da intervenção e fazem parte de uma equipa que define estratégias e acompanha a diversificação curricular. A escola tem que identificar as barreiras que o aluno encontra no processo de aprendizagem, procurar estratégias e certificar-se que ele tem oportunidade de desenvolver as suas potencialidades.

Este decreto afasta-se da ideia de categorizar os alunos para que possa haver uma intervenção e procura que todos os alunos, através de percursos diferenciados, atinjam o perfil dos alunos à saída da escolaridade obrigatória. O objetivo é que o aluno seja acompanhado ao longo do seu percurso escolar e que tenha uma educação com qualidade e íntegra. Para Pereira, F. et al (2018, p.12), o decreto rompe com o pressuposto que se deve ensinar “tudo a todos como se fossem um só” e que são “propostas cinco mudanças para uma integração contínua do percurso escolar: o afastamento da categorização dos alunos, nomeadamente na categoria das necessidades educativas especiais; abandona o modelo da legislação especial para os alunos especiais; estabelece um *continuum* de respostas para todos os alunos; coloca o foco nas respostas educativas; e a perspetiva da mobilização complementar, através de recursos de segurança social, saúde, formação profissional ou de emprego.”

Para haver e sequenciar uma intervenção, junto de um determinado aluno, é necessário a contribuição do processo de avaliação de apoio à aprendizagem onde se analisa aspetos académicos, comportamentais, sociais, emocionais e ambientais.

Os métodos de trabalho deste DL são baseados no desenho universal para a aprendizagem (DUA) e na abordagem multinível de acesso ao currículo. Em relação ao DUA é um modelo que estrutura e orienta as diferentes estratégias, diferentes situações de aprendizagem, várias formas de avaliação e é uma ferramenta fundamental para o planeamento e ação em sala de aula. A abordagem multinível é um modelo compreensivo que oferece um conjunto integrado de medidas de apoio à aprendizagem, selecionadas em função da resposta dos alunos, havendo um acompanhamento sistemático das intervenções implementadas.

As medidas de suporte à aprendizagem e à inclusão estão organizadas em três níveis: universais, seletivas e adicionais. Estes níveis são definidos e aplicados pelos professores e outros técnicos que trabalham com os alunos durante o seu percurso escolar, de acordo com as necessidades educativas, das avaliações realizadas e do processo de monitorização à eficácia das mesmas. Os encarregados de educação são sempre considerados e ouvidos em todo este processo. Desta forma, é importante falar de cada um dos níveis das medidas.

As medidas universais aplicam-se quando há o objetivo de promover e melhorar as aprendizagens e podem ser: diferenciação pedagógica, acomodações curriculares, enriquecimento curricular, promoção do comportamento pró-social e a intervenção em pequenos grupos. Estas medidas promovem o desenvolvimento pessoal, a interação social e são aplicadas a todos os alunos.

Se as medidas universais não surtem o efeito desejado, isto é, não conseguem ser um suporte à aprendizagem, surgem as medidas seletivas. Estas podem ser: percursos curriculares diferenciados, adaptações curriculares não significativas, apoio psicopedagógico, antecipação e reforço das aprendizagens e o apoio tutorial. A mobilização de medidas seletivas pressupõe que haja a elaboração de um relatório técnico-pedagógico, pela equipa multidisciplinar.

Por fim, quando as duas últimas medidas não resultam ou quando há severas dificuldades a nível da comunicação, interação, cognição e de aprendizagem são aplicadas as medidas adicionais. São exemplos destas medidas: frequência do ano de escolaridade por disciplina, adaptações curriculares significativas, plano individual de transição, desenvolvimento de metodologias e estratégias de ensino estruturado e desenvolvimento de competências de autonomia pessoal e social. Nestes casos deve ser elaborado um programa educativo individual.

Todas estas medidas requerem que o professor de educação especial seja dinamizador, conhecedor e articulador dos mais diferentes materiais de aprendizagem e que sejam aplicados, preferencialmente, em contexto de sala de aula. Este professor deve estar em constante colaboração com os restantes docentes do aluno, debatendo estratégias de diferenciação pedagógica, apoiando nas aprendizagens, não deixando de lado aspetos como a motivação e a expressão.

Por fim e não menos importante, as escolas têm que criar uma equipa multidisciplinar de apoio à educação inclusiva (EMAEI), que é constituída por um dos docentes que coadjuva o diretor; um docente de educação especial; três membros do conselho pedagógico com funções de coordenação pedagógica de diferentes níveis de educação e ensino e um psicólogo. A EMAEI tem como função: realizar o processo de identificação das medidas de apoio à aprendizagem e à inclusão, de acordo com as características do aluno,

acompanhar e controlar a eficácia das medidas aplicadas e trabalhar com os restantes docentes, técnicos e encarregados de educação.

É necessário também criar um centro de apoio à aprendizagem (CAA), sendo esta uma estrutura de apoio através dos recursos humanos e materiais, dos saberes e competências da escola. O CAA tem como objetivo apoiar a inclusão e a autonomia do aluno, promover a integração na sociedade e no mundo do trabalho.

A adaptação das escolas ao decreto - lei 54/2018

No ano letivo 2018/2019, as escolas tiveram que se adaptar, num curto espaço de tempo, à nova legislação, publicada a 6 de julho de 2018.

Deve-se considerar que a escola e o seu sistema são o primeiro passo para uma sociedade inclusiva, mas ambos apresentam dificuldades na sua missão. A escola deve considerar cada criança como uma individualidade que tem as próprias potencialidades, dificuldades e necessidades. Estas crianças necessitam de uma participação ativa, cuidada, segura e até autónoma para poderem ter acesso à própria escola, aos transportes, aos desportos e às tecnologias de informação e comunicação. A escola tem, por isso, que criar condições, princípios e normas para encontrar respostas às necessidades e às potencialidades de cada um. Tal pressupõe que cada escola e os seus profissionais possuam a sua própria autonomia para encontrar as melhores estratégias e optar pela diversificação curricular.

A escola deve então identificar as barreiras que prejudicam o acesso de qualquer criança e criar estratégias para que nenhum aluno seja vetado de aprender e não tenha oportunidade de potencializar as suas individualidades. Estas estratégias diferem em termos de tipo, intensidade e frequência e podem ser as medidas de suporte à aprendizagem que se encontram preparadas

segundo uma abordagem multinível e serão organizadas mediante a resposta dos alunos.

A adaptação ao DL nº 54/2018 pressupõe alterações na organização da escola e nas formas de apoio com o objetivo de identificar as medidas de suporte e aprendizagem e à inclusão. Para Ainscow, M. et al (1997, p.23) estas respostas organizacionais “tratam-se de formas de turbulência” e que podem tomar diversas formas “organizacionais, psicológicas, técnicas e micro políticas”. Mas, para este autor, estes períodos dão lugar a mudanças eficazes e duradouras. Desta forma identifica seis condições que parecem ser fatores de mudanças nas escolas: liderança eficaz; envolvimento de equipa de profissionais, alunos e comunidade nas orientações e decisões da escola; um compromisso relativo a uma planificação realizada colaborativamente; estratégias de coordenação; focalização da atenção nos benefícios potenciais da investigação e da reflexão e, por fim, uma política de valorização profissional de toda a equipa educativa.

A linha de atuação para a aprendizagem e inclusão implica um processo de mudança a nível organizacional e é realizada através da identificação e reorganização de recursos humanos e materiais. Segundo Pereira, F. et al (2018, p.50) a organização da escola passa de uma organização orientada para o apoio individual para sistemas de apoio capazes de responder com qualidade a todos os alunos. Os recursos humanos específicos são os professores, professor de educação especial, técnicos especializados e assistentes operacionais. Em relação aos recursos organizacionais estão relacionados com a criação de uma equipa multidisciplinar de apoio à educação inclusiva; a criação de um centro de apoio à aprendizagem; a identificação das escolas de referência no domínio da visão, para a educação bilingue ou para a intervenção precoce na infância e, por fim, a criação de centros de recursos de tecnologias de informação e comunicação para a educação especial. A escola deve também trabalhar em conjunto com alguns

recursos específicos existentes no seio da sua comunidade. Para Landivar, J. (1999, p.135) a inclusão de todos os alunos requer modificações organizativas, adaptações arquitetónicas, de transporte, de mobiliário e de materiais. A escola deve por isso analisar os recursos básicos e essenciais que tem à sua disposição para oferecer e disponibilizar a todos os alunos.

Para Puigdel·lívól, I. (2005, p.256) há três atuações fundamentais do sistema educativo: a criação de serviços de apoio; a coordenação de serviços e instituições; a flexibilidade do próprio currículo. Estes serviços de apoio, sejam eles psicólogos, fisioterapeutas e terapeutas de diversas categorias devem integrar as equipas multidisciplinares. A coordenação e a comunicação entre estes serviços são fundamentais para conhecer o aluno em todos os aspetos. Por fim, a flexibilidade do currículo pressupõe que haja a construção de um currículo adaptado a cada individualidade. Esta flexibilidade pressupõe autonomia e tem como objetivo não limitar as expectativas de aprendizagem indo ao encontro das necessidades, potencialidades e interesses dos alunos.

O mesmo autor acrescenta, ainda (2005, p.255) que as escolas devem promover atitudes sociais de conhecimentos e aceitação da diferença; proporcionar a integração fora do contexto escolar, fomentar a integração laboral e oferecer alternativas para alcançar a autonomia na vida adulta.

Landivar, J. (1999, p.77) refere que um modelo de organização escolar colocado em prática, com sucesso, numa determinada escola, não é garantia que funcione e resulte noutra determinada escola. Isto é, a organização varia de escola para escola e depende de fatores contextuais, dos recursos da própria escola e é fruto do estudo, da observação e da reflexão por um conjunto de profissionais sobre a realidade de cada uma. Este processo de adaptação organizativa requer mudanças e melhorias constantes, dependendo sempre da realidade que se encontra a cada momento. Para este autor as adaptações organizativas têm como base o processo ensino - aprendizagem e

devem ser considerados as seguintes dimensões: cultural, estrutural, relacional, processual e contextual.

Ainda, segundo o mesmo autor Landivar, J. (1999, p.77), a observação, a análise, a coordenação e a orientação são tarefas fundamentais da adaptação da escola aos alunos que alberga. A escola deve, por isso, estudar, refletir e colocar perguntas de forma frequente e aberta.

A importância da Educação Física

A educação física (EF) como disciplina contribui, juntamente com as outras, para a formação dos alunos e tem como referência o desenvolvimento global do indivíduo, através das habilidades motoras e das capacidades cognitivas e sociais, contribuindo para uma integração positiva na sociedade.

Na EF pretende-se que o aluno concretize uma determinada ação e atinja as diferentes áreas de competências, necessitando para isso de conhecimentos, habilidades, motivação, adquirindo-os no decorrer das aulas.

Ao analisar o documento das aprendizagens essenciais de educação física (AEEF) é possível constatar que enquanto disciplina deve trabalhar a “competência de “consciência e domínio do corpo, de “bem-estar, saúde e ambiente” e de “relacionamento interpessoal”.” As aprendizagens essenciais têm como base os objetivos gerais que estão definidos no currículo que se quer inclusivo, aberto, progressivo e flexível. As escolas e os professores devem, por isso, gerir o currículo, contextualizá-lo e adaptá-lo ao ano, à turma, e a cada aluno em específico. A equidade no acesso ao currículo deve ser garantida através da diferenciação pedagógica, independentemente, das necessidades e possibilidades dos alunos ou das condições dos alunos.

Os objetivos da disciplina de EF estão relacionados com o que se pretende que o aluno adquira no final do seu percurso escolar.

No documento “perfil dos alunos à saída da escolaridade obrigatória”, de Martins, G. et al (2017, pag. 30) são salientadas as competências associadas à consciência e domínio do corpo: “O aluno deve realizar atividades motoras, locomotoras, não-locomotoras e manipulativas, integradas nas diferentes circunstâncias vivenciadas na relação do seu próprio corpo com o espaço; O aluno deve dominar a capacidade perceptivo-motora (imagem corporal, direcionalidade, afinamento perceptivo e estruturação espacial e temporal); O aluno deve ter consciência de si próprios a nível emocional, cognitivo, psicossocial, estético e moral de forma a estabelecer consigo próprios e com os outros uma relação harmoniosa e salutar.” Neste mesmo documento são, ainda, definidos os descritores operativos que descrevem que os alunos devem reconhecer a importância das atividades motoras para o seu desenvolvimento físico, psicossocial, estético e emocional. Refere, ainda, que os alunos devem ser capazes de realizar atividades não-locomotoras (posturais), locomotoras (transporte do corpo) e manipulativas (controlo e transporte de objetos). E, por fim, é mencionado que os alunos devem aproveitar e explorar a oportunidade de realização de experiências motoras que, independentemente do nível de habilidade de cada um, favorecem aprendizagens globais e integradas.

Para Batista, P. & Pereira, I. (2012, pag.69) a EF pode ser entendida como uma disciplina curricular que toma o desporto como uma forma específica de lidar com a “corporalidade”, enquanto sistema de comportamentos culturais, marcados por normas, regras e concepções socioculturais.

As mesmas autoras (2012, pag.75), durante longos anos, concepções como o entretenimento, recreação e de treino da aptidão física prevaleceram no decorrer das aulas, colocando de lado o ensino - um princípio essencial da EF. Esta deve proporcionar ao aluno uma prática desportiva sistemática, com forte intenção educativa, baseada nos valores do desporto, tais como o empenho, a superação, o esforço, o confronto, a partilha.

A educação física tem como finalidade desenvolver a aptidão física, numa perspectiva de melhorar a saúde e o bem-estar do aluno, reforçar e incentivar o gosto pela prática de atividade física e por fim desenvolver a compreensão, a participação e aplicação de princípios para aplicar nas diferentes atividades físicas. Esta disciplina desenvolve os conhecimentos, as habilidades e as respectivas capacidades /competências relacionadas com as modalidades desportivas, assim como a formação de valores e atitudes.

A EF valoriza a experiência e a prática para desenvolver as dimensões motoras (habilidades), sensoriais (percepção), emocional (saber a dominar sentimentos), motivacionais (criar novos interesses, novas motivações), sociais (desenvolver a cooperação e a competição), cognitivos (adquirir conhecimentos práticos, resolver problemas). O conteúdo da aula de EF deve assim reconhecer o valor cultural do desporto e através das tarefas pedagógico – didáticas desenvolver as dimensões acima tratadas.

Por fim Matos, Z., (2012, pag.170) refere que as consequências da prática pedagógica devem ser: “estabelecer metas desafiadoras, mas realizáveis, poder aprender com a viabilidade da experiência desportiva, criar regulamentos da competição emocionantes, apreciar não só o resultado, mas o esforço do progresso de cada aluno”. Para esta autora, a EF beneficia a educação a nível do desenvolvimento de estilos de vida saudáveis, da criação de responsabilidade social – comportamentos e atitudes, confiança, auto-estima e por fim no aperfeiçoamento de habilidades para os obstáculos que a vida proporciona.

O professor é responsável por transmitir conteúdos característicos desta disciplina ao aluno, contribuindo para o “desenvolvimento integral do ser humano, através do movimento.” Batista, P. et al. (2016, p.10).

Na disciplina de Educação Física, os alunos são avaliados pelas competências do conhecimento associada à componente cognitiva, pelas

competências de ação relacionadas com a componente motora e pelas competências atitudinais ligadas à componente socio-afetiva.

Nas competências do conhecimento é importante perceber se o aluno compreende os fundamentos teóricos das modalidades lecionadas, se interpreta o regulamento das diferentes modalidades e reconhece a sinalética essencial da arbitragem, se utiliza a terminologia desportiva correta, se pesquisa, seleciona e analisa a informação no âmbito da Educação Física. No que diz respeito às competências de ação importa entender se o aluno aplica os fundamentos teóricos de cada modalidade, se cumpre, as funções inerentes ao papel de jogador, quer como atacante ou defesa, se aplica os critérios de correção técnica, se cumpre as tarefas relativas às funções de árbitro, se eleva o nível funcional das capacidades condicionais e coordenativas, se revela evolução em relação à avaliação inicial. Nas componentes atitudinais os alunos têm de participar assertivamente e realizar as tarefas propostas, apresentar o material necessário, ser assíduos e pontuais. Ainda, durante as aulas, devem cooperar com os colegas, manifestar interesse pela disciplina, atenção/concentração, revelar fair-play, aceitar e cumprir as regras definidas. Por último, os alunos têm de conhecer e aplicar os cuidados higiénicos, bem como as regras de segurança pessoal e dos companheiros, e de preservação dos recursos materiais.

Em síntese, é possível referir que a educação física trabalha o comportamento humano, englobando componentes motoras, sócio afetivas e cognitivas, sendo estas três componentes trabalhadas e avaliadas ao longo do ano letivo. Estas componentes estão relacionadas com o “saber fazer”, “saber estar” e “saber saber”, respetivamente. Posto isto é fundamental que durante a sua formação o professor adquira conhecimentos sobre todos os conteúdos a serem trabalhados ao longo da EF.

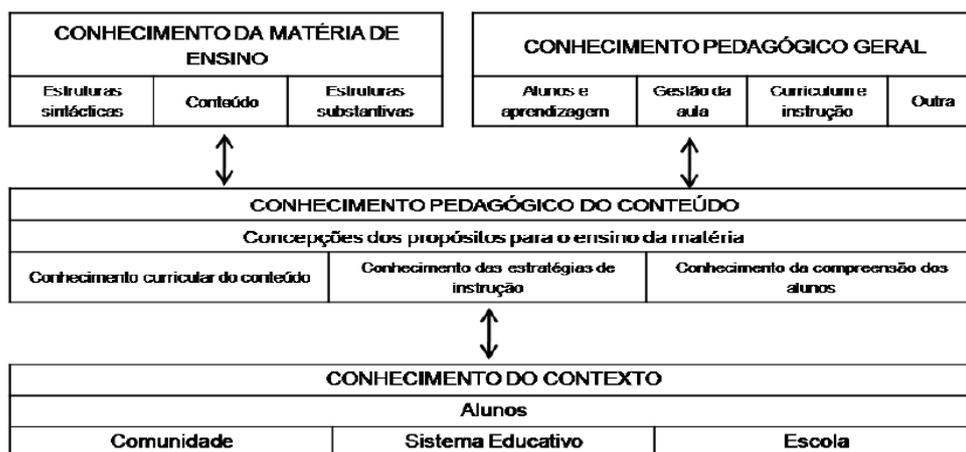
A formação do professor de Educação Física

Para Batista, P. & Pereira, I. (2012, pag. 77) os programas de formação de professores de educação física para além de trabalhar as competências pessoais e técnicas, devem valorizar e dar espaço e tempo para pensar, analisar, produzir, construir e reconstruir o pensamento, o conhecimento, as crenças e concepções através do pensamento crítico e reflexivo.

O professor é responsável por transmitir conteúdos característicos desta disciplina ao aluno, contribuindo para o “desenvolvimento integral do ser humano, através do movimento.” Batista et al., (2016, p.10).

A base de conhecimento do professor assenta em três áreas: formação geral, formação específica (matéria de ensino/disciplina) e formação profissional/pedagógica. Só é possível saber explicar, demonstrar, justificar, disciplinar, avaliar, motivar, planear, interpretar as respostas dos alunos ou perceber se este compreendeu a matéria, se o docente dominar e conhecer as matérias de ensino. O seguinte quadro apresentado é um modelo de conhecimento do professor de acordo com Grossman (cit. por Bento et al., 1999, pag.225) e resume o conhecimento que o professor deve adquirir ao longo da sua formação, assim como ao longo dos seus anos de prática.

MODELO DE CONHECIMENTO DO PROFESSOR



Quadro 1: Modelo do conhecimento do Professor Grossman (cit. Por Bento et al., 1999,pag.225)

O conhecimento ou não da matéria reflete e tem efeitos em alguns aspectos do ensino, nomeadamente a nível do reconhecimento dos problemas de aprendizagem dos alunos, no detalhe do planeamento e organização da matéria, no conforto e entusiasmo para o ensino e na capacidade de enquadrar a capacidade e habilidade dos alunos. O professor tem de estar preparado para lecionar conteúdos que não foram trabalhados durante a sua formação inicial. Neste sentido, torna-se fundamental que desenvolva a capacidade e a responsabilidade de adquirir novos conhecimentos. A formação deve ser realizada ao longo da vida.

Para ensinar a educação física é fundamental que o professor possua conhecimentos para poder tomar as decisões adequadas a cada circunstância e momento (contexto). A competência pedagógica vai sendo construída ao longo da atividade profissional do professor e engloba um conjunto de conhecimentos indispensáveis para a sua profissão. O conhecimento do professor de educação física é influenciado pelas suas perspetivas, interpretações, intenções e crenças, assim como pela experiência acumulada da prática. Para além do conhecimento da matéria é necessário possuir conhecimento pedagógico do conteúdo, do currículo, do contexto e dos objetivos do ensino da matéria. É muito importante, também, conhecer os alunos e a sua forma de aprendizagem, nessa medida o professor, deve na sua formação, ser sensibilizado que a sua prática pedagógica dependerá de muitos fatores, anteriormente referidos.

Os estudantes que ingressam nos programas de formação de professores de educação física são estudantes com doze anos de experiências positivas ou negativas, sendo que a formação inicial deve desconstruir estas crenças e conceções criadas ao longo desses mesmos anos. Urge então valorizar a reflexão como forma de alterar crenças e construir novas conceções.

Ao analisar-se os planos de estudos, de diferentes faculdades, dos segundos ciclos em ensino da EF nos ensinos básicos e secundários, é possível verificar que não há nenhuma disciplina específica para trabalhar conceitos e estratégias sobre os alunos que apresentam dificuldades a nível motor e cognitivo, que influenciarão toda a conceção da prática pedagógica.

Numa breve pesquisa às faculdades onde há a formação de professores de Educação Física é possível verificar que são poucas as faculdades nos seus mestrados que incluem no seu programa curricular disciplinas relacionadas com a educação especial a nível geral e a nível específico, isto é relacionado com a EF.

Ser professor de educação física (inclusivo)

Para Garcia, R. (2012, pag.277) “a condição para a prática desportiva, seja na escola ou em qualquer outra instituição, é ser-se humano!”, sendo que “negar a Educação física a pessoas com deficiência é negar o crescimento humano”, logo é fundamental dar oportunidade a todos os alunos de aceder às matérias, às aulas e ao desenvolvimento que a EF proporciona. É urgente refletir e melhorar a qualidade das aulas para que todos tenham acesso a tempo de aprendizagem e a tempo de prática

Entre as finalidades da educação física, destaca-se a perspetiva de melhoria da qualidade de vida e saúde, promovendo o gosto pelo exercício físico; melhorar a aptidão física através da elevação ou manutenção das capacidades físicas; valorizar a iniciativa e a responsabilidade pessoal, a cooperação e a solidariedade; a higiene e a segurança pessoal e coletiva. A nível de competências trabalha a cooperação, a autonomia, a responsabilidade e a criatividade, assim como o relacionamento interpessoal e de grupo.

As melhorias do desporto em qualquer indivíduo devem ser consideradas em conta na decisão na integração do aluno nas aulas práticas

de educação física. Falvey et al. cit. Lieberman, L. & Wilson, C. (2009, pag.2) referem que os alunos excluídos têm sentimentos como: tristeza, frustração, solitários, diferentes, confusos, não aceites, não compreensivos, envergonhados. Por outro lado, alunos que estão incluídos no decorrer das aulas têm sentimentos como: orgulho, segurança, especiais, confortáveis, felicidade, gratidão, positivos, responsáveis, amados. Logo é urgente incluir todas as crianças com os restantes pares e colegas.

É fundamental para todos os alunos adquirir uma fiel perceção do seu próprio corpo para que não haja repercussões a nível emocional, afetivo e social. O professor de educação física, na sua aula deve proporcionar e criar um ambiente de aceitação e de convivência agradável e amistosa. A maioria dos alunos pode participar nas atividades que são propostas e através delas descobrir habilidades, superar inibições e facilitar a integração pessoal e social.

Para Block, M. (2007, p.9) na educação física inclusiva é esperado que se promova objetivos que facilitem a evolução psicomotora (habilidades motoras), cognitiva (habilidades intelectuais) e afetiva (habilidades sociais), tais como as atitudes, valores, aceitação das regras, cooperação, colaboração e sentimentos de auto valorização e que se sintam satisfeitos na escola.

Segundo o mesmo autor Block, M. (2007, p.22) há outros benefícios da inclusão que implicam a oportunidade de aprender as habilidades sociais de forma natural e o facto de ser mais estimulante e motivador aprender junto dos seus pares. A educação física é um meio que favorece a inclusão e integração do aluno e deve procurar desenvolver o máximo da capacidade de perceção através da sensibilidade cinestésica, visual, auditiva, e tátil, para que haja uma resposta motora adequada ao solicitado.

Para Gomendio, M. (2000, p.39) a integração educativa semeia uma série de necessidades que não podem ser colocadas de lado. Numa primeira fase há que eliminar todas as barreiras arquitetónicas que existem na escola e

em específico para a disciplina de educação física contar com recursos didáticos, tais como materiais moles, de diferentes texturas, de cor e de tamanho.

Alguns alunos requerem certas preocupações na altura de realizar a atividade, logo é necessário recolher toda a informação útil para precaver e não colocar a sua integridade em perigo. Perante isto, Cidade, R. & Freitas, P. (2009, p.41) referem que o professor deve ter conhecimento dos seus alunos em relação às suas incapacidades, o historial da doença, se é repentina ou progressiva, se é transitória ou permanente e que funções e estruturas são afetadas. É também importante conhecer os diferentes aspetos do desenvolvimento humano; biológico, cognitivo, motor, sociointeracional e afetivo-emocional.

Segundo Block, M. (2007,p.51) há um modelo ecológico para incluir todas as crianças nas aulas de educação física. Para isso, o professor tem que:

- Determinar o que vai ensinar, isto é desenvolver planificações anuais e priorizar objetivos a nível anual; determinar o nível de performance dos alunos; desenvolver pequenos objetivos de instrução. Aqui inclui-se as decisões do que vão, quando vão, como vão, por quanto tempo vão e que equipamento vai usar para ensinar determinado conteúdo.
- Analisar o currículo de educação física – quais os conteúdos a atingir, que atividades pode realizar para atingir os objetivos.
- Determinar modificações necessárias para a educação física - fazer adaptações curriculares à turma em específico.
- Determinar se é necessário apoio a alguma criança – que tipo de apoio a criança precisa, com que regularidade precisa; quem poderá prestar apoio.
- Preparar a turma – debater e falar abertamente falar sobre as incapacidades no geral; convidar pessoas que são exemplos de superação apesar das dificuldades;

- Realizar uma preparação pessoal – forma de atuar e de ensinar.

Este mesmo autor também refere as seguintes formas de atuar que facilitam a inclusão:

- Preparação da organização da turma onde as instruções podem ser dadas individualmente, em pequenos/grandes grupos ou através de estações; pode ainda haver lugar ao ensino cooperativo.
- Na apresentação da informação, as palavras devem ser simplificadas; as instruções diretas; deve ser dada uma ordem de cada vez; deve ser pedido ao estudante para ver se percebeu a ordem; pode ser feita demonstração prática; pode ser feita através de estímulos visuais.
- Informar e clarificar como o aluno pode comunicar com o professor – há alunos que apresentam grandes dificuldades na comunicação e o professor deve arranjar estratégias que possibilitam que os alunos comuniquem as dificuldades ou se necessitam de alguma coisa.
- O tempo e a duração – mensurar e adequar o tempo para que cada criança esteja de forma íntegra no exercício e na aula.
- Eliminar distrações – é importante eliminar barulhos, objetos e pessoas externas durante o decorrer da aula.
- Devem ser mantidas rotinas e uma estrutura da aula bem definida.
- Variar o nível de dificuldade e complexidade – o professor pode variar o nível de dificuldade para estudantes em particular com o objetivo de atingir o sucesso numa determinada tarefa.
- Manter os níveis de motivação – o professor deve manter os seus estudantes motivados para a prática.

Em conclusão, existem modificações simples, por exemplo, de como organizar a turma ou como a informação é transmitida que facilitam e que podem fazer a diferença no sucesso dos alunos.

Para Gomendio, M. (2000,p.98) o sucesso da aula depende: os professores de EF devem dominar técnicas de gestão de comportamento da

turma e gestão de tempo, para a criação de um ambiente afetivo social, para que todos os alunos tenham oportunidade de vivenciar experiências de aprendizagem com êxito; capacidade de os professores possuírem técnicas pessoais de autocontrole para saber gerir a própria ansiedade no decorrer das aulas e ainda ajudar à aceitação positiva das limitações e dificuldades pessoais e sociais.

PARTE II - COMPONENTE EMPÍRICA

Construção do objeto do estudo

Com a introdução e a aplicação nas escolas do DL 54/2018 toda a comunidade educativa teve que se adaptar para conseguir alcançar o objetivo final – o acesso de todos os alunos à escola, às aprendizagens essenciais, aos conteúdos e às atividades escolares.

Já identificamos, no enquadramento teórico, os princípios fundamentais deste DL e aquilo que ele preconiza como mudanças fundamentais na escola. No nosso caso concreto interessa-nos, em especial, perceber como ele foi apropriado pelos docentes de educação física na sua prática pedagógica. Deve ter-se em conta não só o papel importante desta disciplina na formação completa dos alunos, como já atrás explicitamos, mas o facto de que todos a frequentam. Com efeito, ela é, de forma sistemática, incorporada na definição de medidas adicionais sem que, muitas vezes, pareça haver preocupação com a necessária adaptação para estes alunos.

Tendo em conta estes aspetos definimos a seguinte pergunta de partida: “Qual é impacto do DL nº 54/2018 na prática pedagógica, na perspetiva dos docentes de educação física?”.

De acordo com Quivy, R & Campenhoudt, L. (2005, pag.36) uma pergunta de partida deve ao mesmo tempo, ter três qualidades essenciais: clareza, exequibilidade e pertinência, pois através da pergunta de partida consegue-se ter uma ideia clara acerca do objetivo a alcançar. Consideramos que se trata de uma pergunta de partida pertinente e exequível enquadrando-se naquilo que foi reportado em cima, ou seja, esta pergunta procura responder a hesitações e incertezas que foram surgindo ao longo do tempo da prática pedagógica.

Opções metodológicas

Tendo em conta a nossa pergunta de partida consideramos que a melhor opção metodológica é uma investigação de natureza qualitativa utilizando, especificamente, a técnica de entrevista.

É possível dizer-se que:

“a investigação qualitativa insere-se hoje em perspectivas teóricas, por um lado, diferenciadas e, por outro lado, coexistentes e recorre ao uso de uma grande variedade de técnicas de recolha de informação como materiais empíricos, estudo de caso, experiência pessoal, história de vida, entrevista, observação, textos históricos, interactivos e visuais que descrevem rotinas, crises e significados na vida das pessoas.” (Aires, 2015, p.13).

O grande objetivo das abordagens qualitativas é compreender, interpretar e refletir sobre um fenómeno que se pretende estudar. Este método para atingir o objetivo do estudo é influenciado pelo investigador, pelo investigado, pelas estratégias, métodos de recolha adotadas e, por fim, pela análise e interpretação dos dados obtidos. Posto isto, é fundamental que o investigador pesquise e que defina bem o que pretende alcançar sobre o tema e isto vai depender das suas crenças, da sua cultura, das experiências vividas e da diferente forma de ver as coisas. Segundo Aires, L. (2015, p.21) as estratégias de pesquisa “põem os paradigmas de investigação em movimento” e, simultaneamente, colocam o investigador em contacto com métodos específicos de recolha e análise de material empírico que integram o estudo de casos, as técnicas fenomenológicas e etnofenomenológicas, o uso de métodos biográficos, históricos, clínicos, etc.”.

Desta forma selecionamos a entrevista como técnica de recolha de material empírico, uma vez que se considera que é a melhor forma de ouvir, recolher, selecionar e refletir informação sobre a prática pedagógica de

profissionais de educação física, na inclusão de todos os alunos nas aulas práticas. O objetivo passa por cada investigado relatar experiências reais da sua prática pedagógica, sejam pontos positivos ou pontos negativos para que sejam encontradas soluções para uma melhoria da mesma. Segundo Aires, L. (2015, p.27) “a entrevista é uma das técnicas mais comuns e importantes no estudo e compreensão do ser humano.”.

De entre as várias possibilidades escolhemos a entrevista semidiretiva pois esta permite obter informações sobre como os investigados interpretam e descrevem momentos da sua prática pedagógica, para desta forma o investigador refletir sobre esses mesmos factos. Durante a realização da mesma foi dado espaço e tempo para que os investigados exprimissem as suas ideias e refletissem sobre o tema. A entrevista foi baseada na comunicação entre o investigador e o investigado, Segundo Aires, (2015, p.29) “a entrevista compreende, assim, o desenvolvimento de uma interação criadora e captadora de significados em que as características pessoais do entrevistador e do entrevistado influenciam decisivamente o curso da mesma.” Em conclusão para Aires, (2015, p.29) “a entrevista nasce da necessidade que o investigador tem de conhecer o sentido que os sujeitos dão aos seus atos e o acesso a esse conhecimento profundo e complexo é proporcionado pelos discursos enunciados pelos sujeitos ao longo da mesma.”.

Esta opção metodológica pode ter algumas limitações tais como: a excessiva ambiguidade no diálogo cria um status conversacional variável e indeterminado e pouco aconselhável no marco da investigação. Assim como, o abuso da situação do suposto poder do entrevistador pode provocar a ruptura dessa intersubjectividade e criar um bloqueio total na possibilidade dessa comunicação. Desta forma pretende-se sempre deixar o entrevistado falar e não interferir nas respostas. Outra limitação que pode ser detetada é a análise, a exposição e a interpretação da informação qualitativa envolve um trabalho duro e complexo devido à grande quantidade, heterogeneidade e abertura da

informação com que se trabalha, e à carência de procedimentos precisos e concretos.

O objetivo passou por entrevistar professores de educação física e recolher o máximo possível de informação e de estratégias que estes aplicam na sua prática pedagógica diária. Aos diferentes entrevistados foi contextualizado e descrito os objetivos da entrevista. Durante a entrevista o nosso papel foi bastante interativo com o investigado, ouvindo-o com o máximo de atenção e deixando-o falar livremente sobre as suas experiências. As entrevistas foram gravadas em áudio, com o consentimento informado dos entrevistados.

A amostra foi composta pelos seguintes elementos, pertencentes a duas escolas distintas, sendo três do sexo masculino e dois do sexo feminino:

- 2 Professores de EF com mais de 20 anos de tempo de serviço, sendo que um deles tem formação em educação especial;
- 2 Professores de EF entre os 10 e 20 anos de tempo de serviço;
- 1 Professor de EF com menos de 10 anos de tempo de serviço;

Construímos um guião de entrevista (ver anexo I), comum a todos os entrevistados, que envolveu várias dimensões. A primeira dimensão destina-se à organização curricular e tem como objetivo perceber quais os pontos positivos e negativos, na perspetiva dos professores de EF, da aplicação do DL 54/2018. A segunda dimensão relaciona-se com a prática pedagógica e como o decreto pode ter influenciado a mesma. Esta segunda dimensão foi dividida pelas seguintes subdimensões: problemática dos alunos; se houve, e por parte de quem, a transmissão de informação destas problemáticas; as dificuldades

sentidas nas aulas práticas; as estratégias utilizadas; e os recursos que a escola disponibiliza. A terceira dimensão prende-se com a importância da EF e foi dividida em duas subdimensões: objetivo da presença dos alunos com MA e que importância foi dada a debates com colegas. Por fim, na última dimensão, é dada ênfase à questão da formação, sendo dividida em formação que o sujeito teve durante a faculdade, pós faculdade e como cada professor pesquisa para melhorar a sua prática pedagógica.

Apresentação e discussão dos resultados

As entrevistas foram transcritas e, em seguida, sujeitas a análise de conteúdo. Bardin, L. (2016) entende que a análise de conteúdo é conjunto de instrumentos metodológicos cada vez mais subtis em constante aperfeiçoamento, que se aplicam a ‘discursos’ (conteúdos) extremamente diversificados.

Realizamos uma análise de conteúdo de tipo categorial, tendo considerado diversas categorias e subcategorias, conforme se explicita no quadro seguinte:

Categorias	Subcategorias
Organização curricular	Aspetos positivos
	Aspetos negativos
Prática pedagógica	Problemática dos alunos com MA
	Informação das problemáticas dos alunos com MA
	Dificuldades sentidas nas aulas
	Apoio de outros professores
	Estratégias utilizadas
	Recursos da escola
Importância da EF	Objetivo da presença dos alunos com MA na aula de EF
	Debates com os colegas
Formação	Faculdade
	Pós Faculdade
	Como pesquisa e melhora a sua PP

Na primeira categoria o objetivo passou por perceber quais as principais mudanças que cada sujeito sentiu na organização da escola, com a introdução do novo DL e, em específico, na aula de EF, sendo que foi dividida em aspetos positivos e aspetos negativos.

A categoria da prática pedagógica, relacionada com as aulas práticas, foi dividida nas seguintes subcategorias: problemática dos alunos com medidas adicionais (MA), informação das problemáticas dos alunos com MA, apoio de outros professores, dificuldades sentidas nas aulas, estratégias usadas nas aulas e recursos da escola.

Na categoria da importância da EF é fundamental saber o que cada professor pensa sobre o objetivo da presença dos alunos com MA na aula de EF assim como sobre os debates com os colegas de profissão.

Na última categoria – formação – procura-se saber sobre se tiveram formação específica durante a faculdade e após a faculdade e ainda se e aonde realizam a pesquisa para melhorar a prática pedagógica.

Em seguida, vamos apresentar a análise dos resultados tendo em conta a sequência das categorias e subcategorias consideradas.

Organização curricular

Em relação à primeira categoria – organização curricular – os pontos positivos em comum a todos os professores foi o facto de o DL uniformizar a integração de todos os alunos nas aulas e constatarem que já havia bastantes adaptações para que todos os alunos conseguissem frequentar todas as aulas. O sujeito A referiu que o decreto-lei trouxe “uma maior responsabilização do professor; veio legalizar a adaptação e que enquanto professor/a de EF já realizava adaptações específicas a cada aluno (quer seja por algum tipo de lesão ou até deficiência)”. Já o sujeito B reforçou a ideia anterior “um professor já fazia ajustes e depois a parte dos conhecimentos, que é a parte teórica, já

era adaptado a cada um.” Quanto ao sujeito C, este disse “Há alunos que têm as suas características muito próprias e requerem uma adaptação da aula e em certos casos levam toda a atenção do nosso trabalho”.

Por último, os sujeitos D e E salientaram que durante os conselhos de turma foi sentido um aumento dos debates, com os professores da turma, o diretor de turma, o professor de educação especial e até a EMAEI na tentativa de arranjar soluções para as problemáticas destes alunos, como exemplificam estas duas frases retiradas, respetivamente, das suas entrevistas: “Mais e maiores debates com professores de outras disciplinas para ajudar o aluno em todos os aspetos (...) um professor tem que estar em constante adaptação da sua prática para que consiga ir de encontro às necessidades de cada aluno” e “...perceber que todos – desde diretores, professores, funcionários e alunos temos que estar envolvidos para que o aluno se sinta bem na escola, se sinta integrado e que desenvolva as suas capacidades e potencialidades.”.

Os pontos negativos que este DL trouxe parecem estar relacionados com o excesso de burocracia, com a extensão e intensidade dos conselhos de turma e com a falta de recursos humanos, nomeadamente de professores de educação especial ou professores de EF coadjuvantes como relatou o sujeito A “...Não há professores suficientes de educação especial, nem há professores suficientes de educação física para permitir uma coadjuvação, por exemplo.”, assim como o sujeito E “Por outro lado,(...), um aumento de alunos com medidas adicionais que não se verifica no aumento de professores de Educação Especial para apoiá-los.”. Outro aspeto negativo referido é a falta de continuidade pedagógica, de ano para ano, dificultando o trabalho de quem tem contacto com o aluno pela primeira vez, como refere o sujeito C “...se não houver uma continuidade pedagógica torna-se muito difícil iniciar e desenvolver o trabalho com os alunos todos os anos letivos”.

Outro fator negativo é a falta de formação que os professores sentiram para aplicar todos os conteúdos e as adaptações curriculares que tinham que

aplicar aos diferentes alunos, tal como disse o sujeito C “Muito mais burocracia e os professores mais velhos, sem experiência informática têm que solicitar ajuda aos mais novos. Há uma falta de formação em relação à adaptação dos conteúdos específicos de cada disciplina para cada aluno.”.

Prática pedagógica

Em relação à segunda categoria – prática pedagógica – é fácil concluir que esta é influenciada pelas características dos alunos. A informação detalhada do aluno é referida no conselho de turma, pelo diretor de turma ou pelo professor de educação especial ou pela EMAEI, tal como referiram os sujeitos A, B, e E. O sujeito A alegou “...início de cada ano em reunião de CT, o DT ou a EMAEI”, o sujeito B disse “no início do ano na reunião de turma do Conselho de turma é sempre a diretora de turma que faz essa referência. Se for um aluno que já vem referenciado, surge a docente de educação especial que informa as necessidades dos alunos.” E, por fim, o sujeito E expressou: “sim, no início de cada ano letivo é sempre dado tempo aos colegas para partilhar a informação do processo de cada aluno nos CT, pelo DT ou pelo docente de EE. Ao longo do ano letivo incluem os terapeutas, fisioterapeutas ou psicólogos”.

Mas os sujeitos C e D identificaram problemas na transmissão desta informação. O sujeito C referiu que, em alguns anos, só é colocado durante o desenrolar do ano letivo e, pode não haver transmissão da informação, “tenho entrado depois do início do ano letivo e as reuniões do CT já se desenrolaram e o professor de EE pensa que há transmissão (do professor que coloca a baixa médica ou do DT) destas informações específicas, mas isso nem sempre acontece.”, Outro problema detetado relaciona-se com formação da EMAEI que podem não estar concluídas no início do ano letivo e podem não reunir toda a informação em relação ao aluno com a MA, sendo possível ler no relato do sujeito D “a EMAEI só começa a funcionar depois das primeiras reuniões do CT

e então a informação mais detalhada vem após a análise de alguns documentos.”.

Em relação às aulas práticas, as dificuldades que os sujeitos encontram, ao longo da sua prática pedagógica, são: o número elevado dos alunos por turma, o espaço, o material degradado e as características individuais e específicas de cada aluno. Pode-se confirmar com o seguinte depoimento do sujeito A “devido às suas problemáticas não se integravam com os colegas, ou com o barulho do espaço (...) e o elevado número de alunos e o reduzido número de professores”. Já o sujeito B salientou que o tempo extenso das aulas pode ser um problema; “mesmo os alunos mais autónomos, não aguentam os 100 minutos, os blocos de 100min, pois o seu foco de atenção vai desaparecendo.” Já o sujeito C para além dos “níveis muito diferentes entre os alunos” identificou a motivação como outro problema, onde se pode comprovar no texto a seguir “(...) Pode haver alunas/os que não estão motivadas/os para a prática, se houver outro aluno/a com défice cognitivo ou se outros/as alunos/as só quiserem muita competição e encontrar um equilíbrio entre estas situações torna-se difícil”. Para o sujeito D, para além de “turmas com muitos alunos, muito barulho, e locais com pouco espaço para trabalhar” considera que o excesso de conteúdos para aplicar à turma também é um problema como se pode provar no testemunho seguinte “noutras vezes também há bastantes conteúdos para trabalhar com os alunos e pouco tempo para colocá-los em prática.”. O sujeito E referiu que “as condições que a escola proporciona não são as melhores, turmas bastante grandes, aulas demasiado extensas, poucos recursos a nível de material e degradado” e lembrou que outro problema é que “as turmas são bastante heterogéneas e requerem exercícios com o mesmo conteúdo mas com complexidade diferente”.

Na subcategoria – apoio de outros professores - as respostas são convergentes e levam a perceber que são raras as vezes em que há professores a apoiar nas aulas práticas, sendo que quando é o professor de EE

raramente tem formação na área de EF. Por outro lado, revelam que o apoio que há é extra-aula, em que é notório que os professores tentam inteirar-se e debater com os colegas sobre os problemas dos alunos com MA. Nesta subcategoria identificam, ainda, a falta de professores coadjuvantes com formação em EF que resultaria numa melhoria das aulas práticas. O que foi referido anteriormente pode ser comprovado nos discursos do sujeito A “sempre sozinha” e o sujeito B “isso depende de escola para escola, há escolas que aceitam e que percebem que o aluno o não pode ir sozinho ou que nem deveria vir, noutras vai uma assistente operacional. Noutra, por exemplo, era um professor de educação física que tinha redução da carga horária, devido à idade, que acompanhava o aluno, que fazia coadjuvação.”. O sujeito D contou uma experiência vivida “nas aulas práticas, ao longo destes tive uma vez apoio da professora de EE numa aluna de baixa visão, mas a colega não conseguia ajudar muito pois não dominava a matéria e os conteúdos” e o sujeito E reforçou “raramente tive algum apoio na parte prática da aula, sinto mais apoio extra aula do que propriamente no tempo da aula de EF.”

Para colmatar as dificuldades e delinear estratégias, o sujeito D referiu que “todas as aulas são planeadas a cada turma, os exercícios pensados e adaptados para trabalhar os conteúdos, durante o decorrer da aula tento transmitir os feedbacks necessários para o aluno melhorar a sua prática, tento que os alunos tenham varias situações de aprendizagem, com muito tempo de prática e pouco tempo de espera” e que depois das aulas “tento perceber os aspetos que correram menos bem e menos mal para melhorar ou usar de novo esses aspetos.”. Na sequência do mesmo tema o sujeito A relatou que ““o trabalho de pares é sempre o ideal para a integração (...), procuro sempre ter grupos heterogéneos de trabalho, em que os elementos vão trocando de grupo, em relação à especificidade do aluno com medidas, procuro falar com a professora de Educação Especial e com os meus colegas, se mesmo assim não resultar tenho que pesquisar na internet, normalmente no Youtube.”. O sujeito C reforçou que as suas estratégias passam por “definir os objetivos para

cada modalidade, informar que cada aluno tem para trabalhar para atingir os mesmos; Trabalho de pares; trabalho de entre ajuda. Trabalhos em pequenos grupos, trabalhos em circuito, trabalho por estações.”Por outro lado, o sujeito E pormenorizou que “tento criar grupos pequenos e em que as minhas instruções sejam dadas de forma individual e que consigam chegar mais facilmente, do que se expuser a um grande grupo de alunos” e, ainda, que “é essencial haver, numa primeira fase, uma sensibilização junto dos colegas de turma e apelar à colaboração dos colegas para que todos os alunos participem ativamente na aula”. Todos foram unânimes em valorizar o planeamento e a reflexão e, ainda incluíram, nas suas estratégias o trabalho de pares; trabalhos em pequenos grupos, trabalhos em circuito, trabalho por estações.

Em relação aos recursos da escola é referido, por parte dos professores, que é essencial que haja mais recursos humanos, nomeadamente professores coadjuvantes que dominem a matéria de EF. O sujeito A disse que “não. E quase nenhuma escola tem. A nossa disciplina exige espaços específicos e material específico, que muitas das vezes, por questões orçamentais, não existe. Mas também o elevado número de alunos e o reduzido número de professores não proporcionam as melhores condições.”. Por outro lado, o sujeito B alegou “normalmente as escolas tem o que é necessário a nível de recursos materiais, faltando mesmo recursos humanos e em específico os que dominem os conteúdos de EF”. De salientar o depoimento dos professores C e D que concordam que o material disponível na escola está degradado e, em específico, o professor D refere que “as bolas são demasiado duras, dificultando a manipulação, as raquetes de badminton estão estragadas ou são demasiado grandes, os colchões da ginástica estão degradados, o piso quando tem água é perigoso para a prática e existe pouco material para trabalhar a psicomotricidade, nomeadamente a estabilidade postural, da lateralidade, da estruturação espacial e temporal.”. O docente E procura com os poucos recursos que tem “que haja divisão de trabalho e divisão de tarefas em que há

vários exercícios diferentes em que os alunos trabalham conteúdos diferentes e de modalidades diferentes.”

Importância da EF

No que diz respeito à subcategoria - objetivo da presença dos alunos na aula - o sujeito B refere que “é suposto que todos os alunos consigam atingir as aprendizagens essenciais que estão descritas no plano de aprendizagens essenciais.”, e o sujeito A salienta que é “muito importante a nível social, pois os alunos sentem-se realizados por atingir determinados objetivos e melhoram a nível da auto estima, sentimentos de alegria e de motivação (...), “penso que sim, mas não devem ser “abandonados” na aula e talvez haver uma progressão em que o professor coadjuvante ou de EE o ajude no primeiro período a inteirar-se dos hábitos, das regras e de como pedir apoio caso necessite.”. Já para o sujeito D “alcançar o mínimo desse objetivo já é uma vitória. Dá muito trabalho em especial quando se tem muitas turmas e muitos alunos para se conhecer e perceber o que se adapta a cada um, mas é fundamental que todos trabalhem os principais conteúdos.”. Para o sujeito D é crucial que a presença destes alunos seja valorizada com a presença de um professor coadjuvante ou professor de EE, para que o aluno não se sinta abandonado. Já o sujeito E diz que “as questões motoras e as questões sociais devem ser sempre um motivo importante para estes alunos frequentarem as aulas de EF. Todo o trabalho deve ser pensado em conjunto com os terapeutas para que o aluno consiga usufruir o máximo possível das aulas práticas de EF.”.

Na subcategoria - debates com os colegas – as respostas foram unânimes e todos consideram fundamentais que os debates sejam com os professores do próprio departamento como com os professores de conselho de turma, assim como a EMAEI, que lidam diariamente com todos os alunos. Pode-se comprovar o que foi anteriormente referido com o que o sujeito A disse” É de extrema importância. Daí eu também considerar extremamente

importante o trabalho de coadjuvação em casos de turmas com elevado número de medidas.”, e ainda o sujeito C “as reuniões de departamento tento sempre expor o meu problema para debater e arranjar soluções com os meus colegas mais experientes.”. Para o sujeito D “Seja nas reuniões de departamento, seja nas reuniões do CT, onde há a presença de todos os professores de todas as disciplinas considero importante debater a situação do aluno com medidas e arranjar as melhores estratégias. Torna-se difícil manter o foco no que é essencial, mas como são todos profissionais e com vontade de fazer mais e melhor chega-se a atingir o objetivo.”. Por seu lado o sujeito E adicionou “extremamente importante e cada vez mais importante, os colegas estão mais sensíveis a estes assuntos e querem melhorar a sua relação com os alunos e ter aulas em que todos alcancem os objetivos e os professores tem trabalhado mais entre si para proporcionar ao aluno o sucesso”. Por fim, é importante salientar o que o professor B referiu “muito importante, principalmente o professor que trabalhou, por exemplo, nos anos anteriores com o aluno, porque já sabe as especificidades do aluno e já sabe o que é que ele trabalha melhor, o que já fez e quais os objetivos seguintes”.

Formação

Em relação à última categoria e no que diz respeito à subcategoria de formação na faculdade – todos os sujeitos afirmaram que não tinham tido qualquer disciplina específica em relação à inclusão de alunos com medidas nas aulas de EF, sendo abordado em alguns aspetos nalgumas disciplinas. O sujeito A e D referiram, ainda, que é através da experiência prática e só passando pelas situações, que se evolui em termos de estratégias e trabalho com estes alunos.

Por outro lado, na subcategoria de formação pós faculdade as respostas foram divergentes, sendo que o sujeito A referiu que “não há formação que possa resolver. Estamos em constantes mudanças” e o sujeito C e D referiram

que fazem ações pelo CCPFC e as que são obrigatórias, mas poucas estão relacionadas com a EE.

Na última subcategoria – como melhorar a prática pedagógica – os sujeitos consideraram o planeamento, a reflexão e a troca de ideias com outros colegas segredos para melhorar a prática pedagógica. O sujeito B refere “troco ideias com colegas de várias disciplinas, procuro em livros de educação física e, leio livros específicos consoante a necessidade do aluno”, o sujeito C diz que “muito planeamento e visualização de vídeos que se possam adequar às situações e problemas que tenho nas diferentes turmas”, o sujeito D “ pesquisa a nível bibliotecário ou na própria internet”.

Síntese dos resultados

Após termos explicitado a análise de conteúdo das entrevistas, surge a necessidade de fazer sobressair o que de mais importante foi dito. Nesse sentido, apresentamos uma breve síntese de resultados.

Os aspetos positivos, salientados pelos professores, que o decreto-lei 54/2018 trouxe às escolas são:

- Permitiu uniformizar a integração de todos os alunos nas aulas, e em específico nas aulas de EF, o que pressupõe uma maior sensibilidade e uma maior aplicação da inclusão. Apesar disso relataram que já se realizava bastantes adaptações para que todos os alunos conseguissem frequentar as diferentes aulas.
- Notaram que durante os conselhos de turma foi sentido um aumento dos debates, com os professores da turma, o diretor de turma, o professor de educação especial e até a EMAEI na tentativa de arranjar soluções para as problemáticas destes alunos.

- Um aumento de alunos com diferentes características e de alunos com medidas e uma maior colaboração entre toda a comunidade educativa na inclusão dos alunos.

Já no que diz respeito aos aspetos negativos, os professores salientaram:

- O excesso de burocracia, com a extensão e intensidade dos conselhos de turma.
- Falta de recursos humanos, nomeadamente de professores de educação especial ou professores coadjuvantes de EF.
- Falta de continuidade pedagógica de ano para ano, dificultando o trabalho de quem tem contacto com o aluno pela primeira vez.

As principais características dos alunos com MA variam bastante de ano para ano e influenciam diretamente a sua prática pedagógica.

Em relação à transmissão da informação das características de alunos com MA, os professores referiram que:

- A informação detalhada do aluno é transmitida no conselho de turma, pelo diretor de turma ou pelo professor de educação especial ou pela EMAEI.
- Por vezes, pode-se dar o caso de haver uma colocação do professor durante o desenrolar do ano letivo e pode não haver transmissão da informação.
- Por outro lado, a formação da EMAEI pode não estar concluída no início do ano letivo e pode não ter reunida toda a informação em relação ao aluno com a MA.

Os professores relataram que as dificuldades sentidas nas aulas práticas são:

- O número elevado dos alunos.

- O espaço.
- O material degradado.
- As características individuais e específicas de cada aluno.
- A motivação dos alunos.
- O tempo extenso das aulas.
- Excesso de conteúdos para aplicar à turma.

Relativamente à ajuda de outros professores para que as aulas práticas sejam mais produtivas e os alunos tenham um maior apoio, as conclusões são:

- Raras vezes, há professores a apoiar nas aulas práticas.
- O apoio é feito extra-aula em debates com os colegas de escola.
- Se houvesse professores coadjuvantes com formação em EF melhora o decorrer das aulas práticas.

Os professores disseram que para colmatar as dificuldades das aulas práticas utilizam as seguintes estratégias:

- Transmissão dos feedbacks necessários para o aluno melhorar a sua prática.
- Adaptação do exercício ao longo da aula.
- Compreender se o exercício foi eficaz ou se houve muito tempo de espera e pouco de prática.
- Solicitam a ajuda da professora de Educação Especial e com os seus colegas de conselho ou de departamento.
- Criação de grupos pequenos e em que as instruções sejam dadas de forma individual e que consigam chegar mais facilmente, do que se houver a exposição a um grande grupo de alunos.
- Valorização do planeamento e da reflexão.
- Trabalho de pares.
- Trabalhos em pequenos grupos.

- Trabalhos em circuito.
- Trabalho por estações.
- Sensibilização junto dos colegas de turma e apelar a colaboração dos colegas para que todos os alunos participem ativamente na aula.

Já para os recursos da escola os professores salientaram que:

- Deveria haver mais recursos humanos, nomeadamente, professores coadjuvantes que dominem a matéria de EF.
- Esta colaboração do professor coadjuvante de EF permitiria a divisão de trabalho/ tarefas e divisão dos alunos a realizarem vários exercícios diferentes em que os alunos trabalham conteúdos diferentes e de modalidades diferentes.
- O material disponível na escola está degradado.
- Há pouco material para trabalhar a psicomotricidade, nomeadamente a estabilidade postural, da lateralidade, da estruturação espacial e temporal.

Quanto aos objetivos da presença dos alunos nas aulas de EF, os professores de EF realçaram que:

- Todos os alunos têm como objetivo atingir as aprendizagens essenciais que estão descritas no plano nacional de aprendizagens essenciais.
- É extremamente importante a nível social, pois os alunos sentem-se realizados por atingir determinados objetivos.
- Melhoram a nível da auto-estima.
- Aumentam os sentimentos de alegria.
- Sentem-se motivados para frequentar a escola e as aulas.
- Alcançar um dos objetivos já é uma vitória.

- As aulas devem ser bastante planeadas para que todos os alunos tenham acesso aos principais conteúdos.
- Seria crucial que a presença destes alunos fosse valorizada com a presença de um professor coadjuvante ou professor de EE, para que o aluno não se sinta abandonado.
- As questões motoras e as questões sociais devem ser sempre um motivo importante para estes alunos frequentarem as aulas de EF.

Na importância que os professores dão aos debates com os colegas é possível concluir que:

- Os mesmos são fundamentais, seja com os professores do próprio departamento ou com os professores de conselho de turma.
- É também importante o professor que trabalhou, por exemplo, nos anos anteriores com o aluno, porque já sabe as especificidades do aluno e já sabe o que é que ele trabalha melhor, o que já fez e quais os objetivos seguintes.

Nas questões sobre a formação é possível dizer que:

- Os sujeitos afirmaram que não tinham tido qualquer disciplina específica em relação à inclusão de alunos com medidas nas aulas de EF, sendo abordado alguns aspetos nalgumas disciplinas.
- É através da experiência prática e só passando pelas situações que se evolui em termos de estratégias e trabalho com estes alunos.

Na formação pós faculdade é notório que:

- Por um lado há professores que acreditam que não há formação que possa resolver, uma vez que os professores sentem que há mudanças constantes;

- Por outro lado, há professores que fazem ações pelo CCPFC e as que são obrigatórias, mas poucas estão relacionadas com a EE.

Em conclusão para a melhoria da prática pedagógica estes professores salientam que:

- Trocam ideias com colegas de várias disciplinas.
- Procuram em livros de educação física.
- Procuram em livros específicos consoante a necessidade do aluno.
- Valorizam muito planeamento.
- Dão importância à visualização de vídeos.
- Pesquisam a nível bibliotecário.
- Pesquisam na própria internet.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com este trabalho é possível perceber que há uma comunidade educativa inteira a trabalhar para incluir e integrar todos os alunos na escola. O decreto-lei nº54/2018 tem os seus pontos positivos e os seus pontos negativos, mas é de realçar os esforços de todos os elementos para que o objetivo seja alcançado. As características dos alunos são diferentes de aluno para aluno não podendo ser definido um padrão dessas mesmas características, sendo que as características vão influenciar todo o processo da prática pedagógica do aluno. As escolas têm distribuído os seus recursos humanos da melhor forma possível e ajustado às necessidades e carências de cada aluno, mas ainda há muito a fazer e provavelmente não depende da escola, mas sim das políticas e da contenção de custos que existe em Portugal e na educação. Foi perceptível nas palavras dos professores entrevistados que há falta de recursos humanos e materiais dificultando a sua prática pedagógica. As estratégias são adaptadas ao contexto em que cada professor se insere e da turma que tem à sua frente, sendo que uma estratégia igual não significa que será de sucesso se se replicar em turmas diferentes. Estas estratégias têm como objetivo potenciar a prática pedagógica e que todos os alunos tenham acesso aos conteúdos trabalhados na educação física. A disciplina de educação física é, por si só, um local onde pode surgir que os alunos se sintam colocados de lado e não consigam atingir os objetivos propostos. O professor deve estar atento a cada aluno em particular e determinar uma solução eficaz para cada situação. O professor deve estar em constante formação, reflexão e deve realizar pesquisa para essas mesmas soluções, deve também ouvir o relato de professores com mais experiência ou que lidam diariamente com situações que vivenciam este tipo de soluções.

Este trabalho surge na necessidade e na inquietação que, durante as aulas práticas, todos os alunos sejam valorizados e que aprendem os

conteúdos na aula de EF e por isso pretendemos que mais estudos sejam feitos, com mais professores, em diferentes contextos educativos, com diferentes alunos para que seja possível identificar dificuldades e elencar um numero elevado de estratégias para a prática pedagógica da EF.

Em conclusão, é importante abordar esta problemática sempre que possível, uma vez que reflete uma dificuldade que muitos professores encontram na profissão n seu dia-a-dia. Espera-se, por conseguinte, ter contribuído para uma reflexão sobre as formas de melhorar a prática pedagógica dos professores de educação física.

BIBLIOGRAFIA

- Ainscow, M. et al (1997). Caminhos para escolas inclusivas. Instituto de inovação educacional. Lisboa.
- Aires, L. (2015). Paradigma qualitativo e práticas de investigação educacional. Universidade Aberta.
- Bardin, L. (2016). Análise de conteúdo. Edições 70.
- Batista, P. et al. (2016). + Movimento – Educação Física 5/6. Edições Asa.
- Batista, P. & Pereira, I.(2012). In. Bento, J. & Mesquita, I. Professor de Educação Física: Fundar e dignificar a profissão(2012). Casa da Educação Física.
- Bento, J. et al. (1999). Contextos da pedagogia do desporto: perspectivas e problemáticas. Lisboa: Livros Horizonte
- Block, M. (2007). A teacher's guide to including students with disabilities in general physical education. Paul H. Brookes publishing.
- Cidade, R. & Freitas, P. (2009). Introdução à educação física e ao desporto para pessoas portadoras de deficiência. UFPR.
- Garcia, R.(2012). In. Bento, J. & Mesquita, I. Professor de Educação Física: Fundar e dignificar a profissão (2012). Casa da Educação Física.
- Garrido Landívar, J. (1999). Adaptaciones Curriculares – Guía para los profesores tutores de educación primaria y de educación especial. Editorail CEPE. 5ªEdição.
- Gomendio, M. (2000). Educación Física para la integración de niños com necesidades educativas especiales. Gymnos, Editorial Desportiva.
- Landívar, J. (1999). Adaptaciones Curriculares – Guía para los profesores tutores de educación primaria y de educación especial. Editorail CEPE. 5ªEdição. Espanha.
- Lieberman, L & Wilson, A (2009). Strategies for inclusion – A handbook for Physical Educators. Human Kinetics.

- Mata, F. (2005). Bases psicopedagógicas de la educación especial. Ediciones Aljibe.
- Matos, Z.(2012). In. Bento, J. & Mesquita, I. Professor de Educação Física: Fundar e dignificar a profissão (2012). Casa da Educação Física.
- Martins, G. et al (2017,pag. 30). Perfil dos alunos à saída da escolaridade obrigatória. Editorial do Ministério da Educação e Ciência.
- Pereira, F. et al. (2018). Para uma educação inclusiva. Manual de apoio à prática. Ministério da Educação/ Direção-Geral da Educação (DGE).
- Puigdellívol, I. (2005). La educación especial en la escuela integrada – Una perspectiva desde la diversidade. Editorial Graó.
- Quivy, R. & Campenhoudt, L. (2005). Manual de Investigação em Ciências Sociais. Gradiva.

ANEXOS

Anexo I - Guião das entrevistas

Dimensões	Perguntas
Organização curricular	1- Quais as principais mudanças que sentiu na organização da escola, com a introdução do novo decreto-lei 2018/54? 1.1 - E em específico na aula de Educação Física?
Prática pedagógica	2 - Que problemáticas encontra nos seus alunos? 2.1 - Foi informado e por quem das problemáticas que os alunos apresentam? 2.2 - Trabalha sozinho ou tem algum tipo de apoio do professor de EE na preparação ou na realização das aulas? 2.3 - Sentiu dificuldades na integração de todos os alunos nas aulas práticas? 2.4 - Quais as dificuldades? 2.5 - Que estratégias tem desenvolvido para colmatar essas dificuldades? 2.6 - Que estratégias tem desenvolvido para integrar todos os alunos nas aulas práticas? 2.7 - Considera que a sua escola tem os recursos necessários para aplicar as estratégias que considera mais adequadas? 2.8 - Em que se baseou para desenvolver as estratégias?
Importância da EF	3- Na sua opinião qual a da importância da Educação Física na integração de todos os alunos na turma? 3.1 - Acha que todos os alunos com MA devem frequentar a disciplina de EF?
Formação	4 - Na sua formação inicial teve alguma formação ou foram abordados conteúdos para alunos com NEE? 4.1 - Já realizou alguma formação posterior sobre este assunto? 4.2 - Que lacunas de formação é que acha que tem? 4.3 - Como acha que pode ser organizada essa formação?

4.4 - Sente que necessita de algum tipo de formação extra para melhorar a prática pedagógica?

4.5 - Qual a importância que atribui a debates e troca de opiniões/de experiências entre colegas?

Anexo II – Consentimento informado

CONSENTIMENTO INFORMADO, LIVRE E ESCLARECIDO PARA PARTICIPAÇÃO EM

PROJETOS DE DOCÊNCIA E/OU INVESTIGAÇÃO

de acordo com a Declaração de Helsínquia¹ e a Convenção de Oviedo²

Por favor, leia com atenção a seguinte informação. Se achar que algo está incorreto ou que não está claro, não hesite em solicitar mais informações. Se concorda com a proposta que lhe foi feita, queira assinar este documento.

Enquadramento: Eu, _____, encontro-me a realizar um trabalho de investigação no âmbito de uma Pós-Graduação em Educação Especial da Escola Superior de Educação Paula Frassinetti. É para este trabalho de investigação que peço a sua participação livre, informada e esclarecida.

Título do estudo:

Explicação do estudo: Este estudo visa contribuir para o conhecimento científico sobre _____ . Especificamente, neste estudo, pretende-se _____

Condições e financiamento: Este estudo não envolve qualquer pagamento de deslocações ou contrapartidas. A participação é totalmente voluntária e livre de prejuízos caso não queira participar. Aceitando participar, é livre de abandonar o estudo a qualquer momento.

Confidencialidade e anonimato: Garantimos a confidencialidade e uso exclusivo dos dados recolhidos para o presente estudo. Prometemos ainda anonimato, não associando os seus dados de identificação aos dados recolhidos. Garantimos que a sua identificação nunca será tornada pública e asseguramos que todo e qualquer contacto será feito em ambiente de privacidade.

Qualquer dúvida que surja poderá sempre contactar-me através de 91 _____

¹http://portal.arsnorte.min-saude.pt/portal/page/portal/ARSNorte/Comiss%C3%A3o%20de%20C3%89tica/Ficheiros/Declaracao_Helsinquia_2008.pdf

²<http://dre.pt/pdf1sdip/2001/01/002A00/00140036.pdf>

Agradecemos o seu tempo e a sua colaboração.

AO PARTICIPANTE:

Declaro ter lido e compreendido este documento, bem como as informações verbais que me foram fornecidas pela pessoa que acima assina e que considero suficientes. Foi-me garantida a possibilidade de, em qualquer altura, recusar a participação do meu educando neste estudo sem qualquer tipo de consequências. Desta forma, aceito a participação do meu educando neste estudo e permito a utilização dos dados que de forma voluntária forneço, confiando em que apenas serão utilizados para esta investigação e nas garantias de confidencialidade e anonimato que me são dadas pelo investigador.

Nome: _____

Data: __ / __ / ____

Assinatura:

ESTE DOCUMENTO, COMPOSTO DE 2 PÁGINA/S, É FEITO EM DUPLICADO:

Anexo III- Entrevista ao sujeito A

1- Quais as principais mudanças que sentiu na organização da escola, com a introdução do novo decreto-lei 2018/54? Maior burocracia, uma maior responsabilização do professor e menor responsabilização por parte dos EE e alunos.

1.1 - E em específico na aula de Educação Física? Pelas características da nossa disciplina, por ser uma disciplina prática que exige o corpo de cada um, nós já realizamos adaptações específicas a cada aluno (quer seja por algum tipo de lesão ou até deficiência). A introdução do decreto veio a “legalizar” essa nossa adaptação mas por outra via veio a desresponsabilizar/desculpar os alunos e os EE que por preguiça ou até mesmo por não valorizarem a EF não se comprometem com o processo de aprendizagem. Isto porque um aluno que tem classificação “negativa” acaba por ter que ter medidas universais não pela dificuldade em si mas sim porque não quer aprender/não traz material/falta, etc.

2 - Que problemáticas encontra nos seus alunos? Depende: tenho alunos com problemas de saúde que implica a existência de medidas; alunos com autismo; alunos com dificuldades cognitivas e alunos que estão desligados da escola aos quais se exige também medidas.

2.1 - Foi informado e por quem das problemáticas que os alunos apresentam? No início de cada ano em reunião de CT, o DT ou a EMAEI informa o CT dos problemas apresentados pelos alunos, isto claro no caso de medidas adicionais ou seletivas, pois exige a existência de um RTP. No caso das medidas universais, estão dependentes da identificação que cada professor faz aos alunos à medida que os vai conhecendo.

2.2 - Trabalha sozinho ou tem algum tipo de apoio do professor de EE na preparação ou na realização das aulas? Sempre sozinha

2.3 - Sentiu dificuldades na integração de todos os alunos nas aulas práticas? **2.4 - Quais as dificuldades?** Este ano não. No entanto já tive anos em que senti que os alunos devido às suas problemáticas não se integravam com os colegas, ou com o barulho do espaço. Contudo, em relação aos restantes alunos sempre receberam bem esses alunos e por norma até se mostram solidários na ajuda.

2.5 - Que estratégias tem desenvolvido para colmatar essas dificuldades? A maior parte dos casos o trabalho com os pares é sempre o ideal para a integração. Contudo, no caso de alunos que pelas suas características não conseguem estar com outros colegas procuro que o trabalho seja individual (se bem que a capacidade de concentração seja muito reduzida).

2.6 - Que estratégias tem desenvolvido para integrar todos os alunos nas aulas práticas? Nas minhas aulas procuro sempre ter grupos heterogéneos de trabalho, em que os elementos vão trocando de grupo. Procuro que os alunos não trabalhem sempre com os mesmos colegas. E faço isso mesmo com os alunos que não têm medidas.

2.7 - Considera que a sua escola tem os recursos necessários para aplicar as estratégias que considera mais adequadas? Não. E quase nenhuma escola tem. A nossa disciplina exige espaços específicos e material específico, que muitas das vezes por questões orçamentais não existe. Mas também o elevado número de alunos e o reduzido número de professores não proporcionam as melhores condições. Não há professores suficientes de educação especial, nem há professores suficientes de educação física para permitir uma coadjuvação, por exemplo.

2.8 - Em que se baseou para desenvolver as mesmas? As estratégias que aplico na aula são as que uso no meu dia-a-dia enquanto profissional, aplicar um exercício, ir adaptando ao longo da aula e perceber se foi eficaz ou se houve muito tempo de espera e pouco de prática. Em relação à especificidade

do aluno com medidas, procuro falar com a professora de Educação Especial e com os meus colegas, se mesmo assim não resultar tenho que pesquisar na internet, normalmente no youtube.

3- Na sua opinião qual a importância da Educação Física na integração de todos os alunos na turma? Muito importante a nível social, pois os alunos sentem-se realizados por atingir determinados objetivos e melhoram a nível da auto estima, sentimentos de alegria e de motivação. É uma alegria vê-los a sentirem-se bem com eles próprios e com os colegas. **3.1 - Acha que todos os alunos com MA devem frequentar a disciplina de EF?** É uma questão importante, penso que sim, mas não devem ser “abandonados” na aula e talvez haver uma progressão em que o professor coadjuvante ou de EE o ajude no primeiro período a inteirar-se dos hábitos, das regras e de como pedir apoio caso necessite.

4- Na sua formação inicial teve alguma formação ou foram abordados conteúdos para alunos com NEE? Sim, tive uma disciplina que nos deu algumas luzes. Mas essencialmente é a prática que nos vai dando algumas bases. Até porque a questão da integração não é assim tão antiga. A faculdade dá-nos algumas bases sobre o tipo de trabalho, por exemplo, com um aluno em cadeira de rodas, no entanto na realidade esse aluno não trabalha isolado. Por isso só a prática nos ensina a conjugar o trabalho com alunos “normais” conjuntamente com os alunos com algum tipo de problemática.

4.1 - Já realizou alguma formação posterior sobre este assunto? Não.

4.2 - Que lacunas de formação é que acha que tem? 4.3 - Como acha que pode ser organizada essa formação? 4.4 - Sente que necessita de algum tipo de formação extra para melhorar a prática pedagógica? Da forma como o ensino está? Não há formação que possa resolver. Estamos em constantes mudanças, procuramos um ensino idealístico/perfeito sem responsabilização dos intervenientes. Por muita formação que se tenha é difícil

a um professor atender às características específicas de 25 alunos. E é isso que neste momento se exige.

4.5- Qual a importância que atribui a debates e troca de opiniões/de experiências entre colegas? É de extrema importância. Daí eu também considerar extremamente importante o trabalho de coadjuvação em casos de turmas com elevado número de medidas.

Anexo IV- Entrevista ao sujeito B

1 - Quais as principais mudanças que sentiu na organização da escola, com a introdução do novo decreto-lei 2018/54? Eu não senti grandes alterações, as únicas são que se teve que preencher mais documentos, mais burocracia. Na prática, foi o que se traduziu, não, num melhor trabalho dos alunos, mas só apenas em termos de registo. Reuniões mais longas dos conselhos de turma.

1.1- E em específico na aula de Educação Física? Manteve-se tudo igual, sim. Os alunos já tinham adaptações quem tem acomodações. Na prática, nas aulas de educação física, depende do grau de dificuldade ou deficiência de cada um, claro. Mas. Um professor já fazia e ajustes depois, sim, depois a parte dos conhecimentos, que é a parte teórica, já eram realizados, já era adaptado a cada um. O decreto não veio trazer isso porque já existia. Apenas se teve que foi registar as coisas em mais papéis

2- Que problemáticas encontra nos seus alunos? Os alunos que tenho tido tinham algumas problemáticas, mas eles eram autónomos. E a única coisa que necessitei de fazer foi só adaptações na avaliação teórica.

2.1 - Foi informado e por quem das problemáticas que os alunos apresentam? Sim. No início do ano na reunião de turma do Conselho de turma é sempre a diretora de turma que faz essa referência. Se for um aluno que já

vem referenciado, surge a docente de educação especial que informa as necessidades dos alunos.

2.2 - Trabalha sozinho ou tem algum tipo de apoio do professor de EE na preparação ou na realização das aulas? Não, normalmente nas aulas quando eles vão, eles vão sozinhos. Agora isso depende de escola para escola, há escolas que aceitam e que percebem que o aluno não pode ir sozinho ou que nem deveria vir, noutras vai uma assistente operacional. Noutra, por exemplo, era um professor de educação física que tinha redução da carga horária, devido à idade, que acompanhava o aluno, que fazia coadjuvação. O mais vantajoso para nós é a coadjuvação de um professor que domina os conteúdos de EF, pq o assistente operacional não faz sentido ir pq não domina a área. E tendo uma turma de 20 alunos, porque estes alunos, a maioria deles são alunos redutores, a turma só pode ir até 20 alunos. Mas como trabalhamos com esse aluno? Ou trabalho com esse aluno e esqueço os outros 19 ou trabalho com os 19 e esqueço esse aluno. Não dá lá está, mas isso depois depende do grau de autonomia de cada um.

2.3 - Sentiu dificuldades na integração de todos os alunos nas aulas práticas? 2.4 - Quais as dificuldades? Em alguns casos os alunos só trabalham com alguns colegas, no caso do aluno com autismo, ele trabalhava muito bem com essas duas colegas, por exemplo. Outro aluno que era independente, mas para a realização de exercícios e por isso precisava de outro tipo de trabalho, mais específico, claro. Outro problema que identifiquei é mesmo os mais autónomos, não aguentam os 100 minutos, os blocos de 100min, pois o seu foco de atenção vai desaparecendo.

2.5 - Que estratégias tem desenvolvido para colmatar essas dificuldades? Trabalho de pares, a turma também pode ajudar ao transmitir conhecimentos aos colegas e eles tentarem ajudar o aluno a realizar o exercício. Jogos de interação entre todos. Sou apologista de trabalhar com estes alunos uma hora fora da sala de aula só a trabalhar psicomotricidade ou uma aula individual.

Precisam de um ensino de um para um. O ganho que estes alunos têm é apenas social, mas pode acabar por não ser. Cada caso é um caso.

2.6 - Que estratégias tem desenvolvido para integrar todos os alunos nas aulas práticas? Depende de aluno para aluno, depende da turma, depende do contexto e das condições que tenho para aplicar o pretendido. Inclusão não é só ter o aluno de corpo presente na aula.

2.7 - Considera que a sua escola tem os recursos necessários para aplicar as estratégias que considera mais adequadas? Se quiser sim. Sejam recursos humanos, sejam recursos materiais. Há professores de EF com redução de horário e há os professores de educação especial, mas o problema é que estes não têm um só aluno. A nível do material toda a escola tem os recursos básicos necessários – bola, corda. A escola deve organizar os seus recursos para individualizar o ensino. A escola deve concorrer a projetos para chamar professores para trabalhar com os alunos com necessidades, por exemplo associarem-se a projetos em que os alunos trabalhem em grupos mais pequenos.

2.8 - Em que se baseou para desenvolver as estratégias? Falo com o meu marido que também é professor de EF, troco ideias com colegas de várias disciplinas, procuro em livros de educação física e livros específicos consoante a necessidade do aluno.

3 - Na sua opinião qual a importância da Educação Física na integração de todos os alunos na turma? **3.1 - Acha que todos os alunos com MA devem frequentar a disciplina de EF?** Essencialmente a nível social, a escola deveria funcionar com um centro de recursos disponíveis adaptados especificamente para cada criança. Também pode depender do grau de autonomia do aluno e este faz parte da turma, logo tem o direito a frequentar todas as aulas e atingir todos os objetivos que estão no currículo. Agora o currículo pode ser adaptado, mas tem que atingir as aprendizagens

essenciais mínimas e depende da especificidade de cada aluno e do currículo que é proposto para cada um realizar. As expressões eles acabam sempre por frequentar. Não faz sentido uma criança estar numa aula em que vai lá só para marcar presença e enquanto essa hora podia ser usada para aprender e desenvolver especificamente em relação às suas necessidades.

4 - Na sua formação inicial teve alguma formação ou foram abordados conteúdos para alunos com NEE? Na formação inicial não, tenho uma pós graduação e mestrado e só no mestrado é que tive uma disciplina sobre o EE. Uma cadeira é muito pouco

4.1 - Já realizou alguma formação posterior sobre este assunto? Não.

4.2 - Que lacunas de formação é que acha que tem? Mais prático, dentro dos diagnósticos que uma incapacidade abordar e dar soluções para estratégias. Abrir mentes e consciência para as incapacidades que podem aparecer entre os alunos.

4.4 - Sente que necessita de algum tipo de formação extra para melhorar a prática pedagógica? Se não me sinto insegura ou se preciso de procurar resposta tento sempre procura. Em relação ao desporto adaptado sinto-me preparada pois a maioria do desporto adaptado é o boccia e aí sinto-me à vontade.

4.5 -Qual a importância que atribui a debates e troca de opiniões/de experiências entre colegas? Muito importante, principalmente com quem trabalhou, por exemplo, nos anos anteriores com o aluno, porque já sabe as especificidades do aluno e já sabe o que é que ele trabalha melhor, o que já fez e qual os objetivos seguintes

Anexo V - Entrevista ao sujeito C

1 - Quais as principais mudanças que sentiu na organização da escola, com a introdução do novo decreto-lei 2018/54? O que senti foi um impacto

nas reuniões de conselho de turma, uma vez que apenas a professora de EE consegue preencher todas as tabelas que são pedidas. Os professores do conselho de turma precisam de ajuda para adaptar os conteúdos a todos os alunos.

1.1 - E em específico na aula de Educação Física? A interiorização de alunos com problemáticas muito específicas e se não houver uma continuidade pedagógica torna-se muito difícil iniciar e desenvolver o trabalho com os alunos todos os anos letivos. Há alunos que têm as suas características muito próprias e requerem uma adaptação da aula e que levam toda a atenção do nosso trabalho. Em certas ocasiões torna-se muito difícil trabalhar diferentes níveis de ensino dentro da própria aula, isto porque há alunos que podem nem dominar a base da modalidade e outros já estão muito avançados.

2 - Que problemáticas encontra nos seus alunos? Alunos com dificuldades a nível motor, a nível cognitivo, com paralisia cerebral e autismo essencialmente.

2.1 - Foi informado e por quem das problemáticas que os alunos apresentam? Como tenho entrado depois do início do ano letivo e as reuniões do CT já se desenrolaram, o professor de EE pode pensar que há transmissão (do professor que coloca a baixa médica) destas informações específicas, mas isso nem sempre acontece. E nesse caso tenho que ser eu a tomar a iniciativa de procurar essa informação, porque senão os professores de EE como adquirido que o professor contratado já sabe. Quando início o ano letivo já tenho acesso a toda a informação.

2.2 - Trabalha sozinho ou tem algum tipo de apoio do professor de EE na preparação ou na realização das aulas? Ao longo destes sempre trabalhei sozinho.

2.3 - Sentiu dificuldades na integração de todos os alunos nas aulas práticas? **2.4 - Quais as dificuldades?** Sim, essencialmente por haver níveis

muitos diferentes entre os alunos. Os alunos da turma tem muitas especificidades e por exemplo pode haver alunas que não estão motivadas para a prática, se houver aluno/a com déficit cognitivo ou se outros alunos só quiserem muita competição e encontrar um equilíbrio entre estas situações torna-se difícil.

2.5 - Que estratégias tem desenvolvido para colmatar essas dificuldades?

Definir claramente os objetivos para cada modalidade, informar que cada aluno tem para trabalhar para atingir os mesmos. Na prática agrupar os alunos em diferentes níveis para que os mais capazes trabalhem com os que têm que desenvolver mais as habilidades. Trabalho de pares também é importante, identificando os alunos que conseguem trabalhar, colaborar e ajudar com os alunos que têm problemas específicos. Apelar sempre ao trabalho de entre ajuda.

2.6 - Que estratégias tem desenvolvido para integrar todos os alunos nas aulas práticas? Trabalhos em pequenos grupos, trabalhos em circuito, trabalho por estações.

2.7 - Considera que a sua escola tem os recursos necessários para aplicar as estratégias que considera mais adequadas? Essencialmente que os problemas passariam por turmas mais pequenas e por haver mais recursos humanos, onde por exemplo exista mais professores coadjuvantes, isto é que são da disciplina de EF e que estejam na aula a colaborar connosco e que dominem a matéria e o que está a ser trabalhado. Numa escola lecionei com três turmas ao mesmo tempo dentro de um pavilhão, quando o tempo não permitia usar o exterior e havia muita confusão, muito barulho para além de pouco espaço. A nível de material penso que, em certas escolas, o material está um pouco degradado, seja as raquetes, sejam as bolas e estas são de um material muito duro o que não facilita o manuseamento das mesmas.

2.8 - Em que se baseou para desenvolver as mesmas? Debates com colegas, muita reflexão, muito planejamento e visualização de vídeos que se possam adequar às situações e problemas que tenho nas diferentes turmas.

3- Na sua opinião qual a importância da Educação Física na integração de todos os alunos na turma? 3.1 - Acha que todos os alunos com MA devem frequentar a disciplina de EF? A importância é que todos os alunos consigam atingir as aprendizagens essenciais que estão descritas para cada aluno. É importante a nível social e quando o aluno está muito bem integrado na turma é bastante positivo. Cada situação merece a sua análise, pois já tive casos em que os alunos, mesmo com défice cognitivo ou com uma dificuldade motora, aproveitavam, realizavam todas as atividades e trabalhavam todos os conteúdos com a turma. Se o aluno não consegue acompanhar as atividades da turma, penso que não faz sentido o aluno ir à aula.

4 - Na sua formação inicial teve alguma formação ou foram abordados conteúdos para alunos com NEE? Na licenciatura não, uma vez que também não é com a licenciatura que me candidato ao ensino e durante o mestrado não tive uma disciplina específica para esta problemática. Algumas vezes, os professores referiam alguns exemplos em que se podia adaptar a uma situação específica, mas nunca uma situação detalhada.

4.1 - Já realizou alguma formação posterior sobre este assunto? Sim ações do CCPFC e a formação devia ser gratuita e deveria haver mais formações em relação à educação especial

4.2 - Que lacunas de formação é que acha que tem? 4.3 - Como acha que pode ser organizada essa formação? 4.4 - Sente que necessita de algum tipo de formação extra para melhorar a prática pedagógica? Neste caso faltaria disciplinas específicas à problemática de educação especial. Considero que depois da formação, a experiência e a reflexão tornam-se o mais importante. A experiência porque só quando se passa pelas situações é que se

sabe lidar com a situação e a reflexão porque perante uma determinada situação há que refletir sobre o que correu bem e o que correu mal para depois melhorar a prática pedagógica.

4.5 - Qual a importância que atribui a debates e troca de opiniões/de experiências entre colegas? Sim muito importante. Nas reuniões de departamento tento sempre expor o meu problema para debater e arranjar soluções com os meus colegas mais experientes.

Anexo VI - Entrevista ao sujeito D

1 - Quais as principais mudanças que sentiu na organização da escola, com a introdução do novo decreto-lei 2018/54? Os conselhos de turma são mais longos e mais trabalhosos, com muito mais burocracia e os professores mais velhos, sem experiência informática têm que solicitar ajuda aos mais novos para completar as tabelas e grelhas a preencher. Aumentou o número de debates e a troca de ideias com os professores de outras disciplinas para ajudar o aluno e arranjar estratégias para os diferentes alunos em questão. Não houve formações em relação à adaptação dos conteúdos específicos de cada disciplina para cada aluno. Por último foi notório que os alunos passam muito mais tempo com a sua turma e um professor tem que estar em constante adaptação da sua prática para que consiga ir de encontro às necessidades de cada aluno e ao longo do ano há pouca formação.

1.1 - E em específico na aula de Educação Física? Turmas com muitos alunos, muito barulho e locais em que há pouco espaço para trabalhar.

2 - Que problemáticas encontra nos seus alunos? Características de todo o tipo. Desde problemas motores, cognitivos, baixa visão e problemas de integração social.

2.1 - Foi informado e por quem das problemáticas que os alunos apresentam? É feita na reunião do CT em que são disponibilizadas as

informações pelo DT, EE. Já me aconteceu a EMAEI só começar a funcionar depois das primeiras reuniões do CT e então a informação mais detalhada só vem após a análise de alguns documentos.

2.2 - Trabalha sozinho ou tem algum tipo de apoio do professor de EE na preparação ou na realização das aulas? Nas aulas práticas, ao longo destes anos tive uma vez apoio da professora de EE numa aluna de baixa visão, mas a colega não conseguia ajudar muito pois não dominava a matéria e os conteúdos.

2.3 - Sentiu dificuldades na integração de todos os alunos nas aulas práticas? **2.4 - Quais as dificuldades?** Turmas com muitos alunos, muito barulho e pode haver situações com pouco espaço para trabalhar. Penso que também há bastantes conteúdos para trabalhar com os alunos e pouco tempo para colocá-los em prática.

2.5 - Que estratégias tem desenvolvido para colmatar essas dificuldades? Em relação às dificuldades que sinto é um pouco difícil contornar situações que estão pré estabelecidas, como o nº de alunos ou o espaço, mas todas as aulas são planeadas a cada turma, os exercícios pensados e adaptadas para trabalhar os conteúdos, durante o decorrer da aula tento transmitir os feedbacks necessários para o aluno melhorar a sua prática, tento que os alunos tenham varias situações de aprendizagem, com muito tempo de prática e pouco tempo de espera. Depois das aulas tento perceber os aspetos que correram menos bem e menos mal para melhorar ou usar de novo esses aspetos.

2.6 - Que estratégias tem desenvolvido para integrar todos os alunos nas aulas práticas? Planeamento prévio, reflexão, responsabilização do aluno para realizar a tarefa para atingir o objetivo da tarefa proposta.

2.7 - Considera que a sua escola tem os recursos necessários para aplicar as estratégias que considera mais adequadas? Há escolas em que as bolas

são demasiado duras, dificultando a manipulação, as raquetes de badminton estão estragadas ou são demasiado grandes, os colchões da ginástica estão um degradados, o piso, quando chove, tem água o que é um perigoso para a prática. Existe pouco material para trabalhar a psicomotricidade, nomeadamente a estabilidade postural, da lateralidade, da estruturação espacial e temporal.

2.8 - Em que se baseou para desenvolver as mesmas? Pesquisa a nível bibliotecário ou na própria internet, Colaboração com os colegas, colaboração com o colega de EE e professor que já tenha trabalhado com o aluno. Recorro também aos terapeutas da escola.

3- Na sua opinião qual a da importância da Educação Física na integração de todos os alunos na turma? 3.1 - Acha que todos os alunos com MA devem frequentar a disciplina de EF? O professor de educação física que tem que adaptar o objetivo ao aluno e alcançar o mínimo desse objetivo já é uma vitória. Dá muito trabalho em especial quando se tem muitas turmas e muitos alunos para se conhecer e perceber o que se adapta a cada, mas é fundamental que todos trabalhem os principais conteúdos. Agora também considero que este trabalho e a sua presença poderia ser valorizado com uma pessoa que trabalhasse em específico as necessidades do aluno

4 - Na sua formação inicial teve alguma formação ou foram abordados conteúdos para alunos com NEE? Durante o meu estágio profissional tive um aluno com défice cognitivo e nem aí me foi explicado de forma objetiva o que o aluno precisava trabalhar. O aluno estava integrado na turma e o aluno realizava todos os exercícios que eu propunha. Isto para dizer que só nesse espaço de tempo é que tive alguma aprendizagem e alguma experiência prática, caso contrário não tive nenhuma disciplina específica para alunos com medidas.

4.1 - Já realizou alguma formação posterior sobre este assunto? Só ações que são obrigatórias, mas poucas são relacionadas com este tema.

4.2 - Que lacunas de formação é que acha que tem? 4.3 - Como acha que pode ser organizada essa formação? 4.4 - Sente que necessita de algum tipo de formação extra para melhorar a prática pedagógica? Já algum tempo que não passo pela faculdade, mas os estagiários que aqui vão passando referem que não há disciplinas onde é discutido e onde haja troca de ideias sobre alunos com medidas. Sim e formação devia ser gratuita e deveria haver mais formações em relação à educação especial.

4.5 - Qual a importância que atribui a debates e troca de opiniões/de experiências entre colegas? Seja nas reuniões de departamento, seja nas reuniões do CT, onde há a presença de todos os professores de todas as disciplinas considero importante debater a situação do aluno com medidas e arranjar as melhores estratégias. Em algumas reuniões é difícil manter o foco no que é essencial, mas como são todos profissionais e com vontade de fazer mais e melhor chega-se a atingir o objetivo.

Anexo VII- Entrevista ao sujeito E

1 - Quais as principais mudanças que sentiu na organização da escola, com a introdução do novo decreto-lei 2018/54? Houve uma alteração bastante grande que permitiu que todos os alunos frequentem as escolas e em específico nas turmas. Permitiu integrar todos os alunos na escola e perceber que todos – desde diretores, professores, funcionários e alunos temos que estar envolvidos para que o aluno se sinta bem na escola, se sinta integrado e que se desenvolva as suas capacidades e potencialidades. Por outro lado, um maior trabalho a nível burocrático, um aumento de alunos com medidas adicionais que não se verifica no aumento de professores de Educação Especial para apoiá-los. Os professores de EE não estão com os alunos e estes são colocados sozinhos nas aulas, sem qualquer tipo de apoio e de ajuda

para conseguir acompanhar o ritmo da aula e acabava por haver quebras na aula.

1.1 - E em específico na aula de Educação Física? Inclusão de muitos alunos com muitas necessidades específicas e em que o aluno não está integrado e na turma. As condições que a escola proporciona não são as melhores, as turmas são bastante grandes, as aulas demasiado extensas, há poucos recursos a nível de material e degradado.

2 - Que problemáticas encontra nos seus alunos? Para além dos problemas a nível motor e a nível cognitivo, tenho mais problemas a nível de comportamento.

2.1 - Foi informado e por quem das problemáticas que os alunos apresentam? Sim, no início de cada ano letivo é sempre dado tempo aos colegas para partilhar a informação do processo de cada aluno nos CT, pelo DT ou pelo docente de EE. Ao longo do ano letivo incluem os terapeutas, fisioterapeutas ou psicólogos.

2.2 - Trabalha sozinho ou tem algum tipo de apoio do professor de EE na preparação ou na realização das aulas? Raramente tive algum apoio na parte prática da aula, sinto mais apoio extra aula do que propriamente no tempo da aula de EF. Houve uma situação que o professor de EE foi durante as primeiras aulas de EF mas depois deixou de colaborar porque surgiram outros alunos que precisavam de apoio da professora dentro de uma sala de aula.

2.3 - Sentiu dificuldades na integração de todos os alunos nas aulas práticas? **2.4 - Quais as dificuldades?** Inclusão de muitos alunos com muitas necessidades específicas e em que o aluno, certas vezes, não está integrado e na turma.

2.5 - Que estratégias tem desenvolvido para colmatar essas dificuldades?

Primeiro penso que é fundamental um bom planeamento anual, da modalidade e da aula propriamente dita, os objetivos têm que ser claramente definidos e adaptados a cada turma. As turmas são bastante heterogéneas e requerem exercícios com o mesmo conteúdo mas com complexidade diferente. Tento criar grupos pequenos e em que as minhas instruções sejam dadas de forma individual e que consigam chegar mais facilmente, do que se expuser a um grande grupo de alunos. Tento sempre que as aulas tenham sempre a mesma estrutura – aquecimento, exercícios em circuito ou por estações e que estejam muito tempo em prática.

2.6 - Que estratégias tem desenvolvido para integrar todos os alunos nas aulas práticas?

É essencial haver, numa primeira fase, uma sensibilização junto dos colegas de turma e apelar a colaboração dos colegas para que todos os alunos participem ativamente na aula. Desde o trabalho individual, quando há o material necessário aos grupos de dois e de três, consoante o espaço, tento que toda a aula seja bastante dinâmica e adaptada à turma em questão.

2.7 - Considera que a sua escola tem os recursos necessários para aplicar as estratégias que considera mais adequadas?

Na aula de EF dou muita importância ao trabalho do aluno com o seu próprio corpo, claro que os recursos materiais são importantes, mas procuro que haja divisão de trabalho e divisão de tarefas em que o há vários exercícios diferentes em que os alunos trabalham conteúdos diferentes e de modalidades diferentes. Outro recurso que considero importante são os recursos humanos, pois, como sou só um, não consigo dar atenção a todos os alunos em particular e uma ajuda seria fundamental.

2.8 - Em que se baseou para desenvolver as mesmas?

A estratégia que utilizo advém da experiência ao longo dos anos, de formações que fiz e que faço, da troca de ideias com os colegas, da minha experiência como treinador

de uma modalidade coletiva, da reflexão que faço após as aulas sobre os pontos positivos e pontos negativos da aula.

3- Na sua opinião qual a importância da Educação Física na integração de todos os alunos na turma? 3.1 - Acha que todos os alunos com MA devem frequentar a disciplina de EF? Há casos muito complicados em que não é possível eles atingirem certos conteúdos, mas pequenos objetivos fazem a diferença na vida de um indivíduo e penso que é por aí que os objetivos têm que ser delineados para estas crianças em específico. A EF deveria ter como objetivo aumentar a auto estima, trabalhar as habilidades motoras e ter a capacidade de resolver situações que são apresentadas ao longo da aula. Se o aluno estiver integrado claro que considero fundamental frequentar as aulas de EF. As questões motoras e as questões sociais devem ser sempre um motivo importante para estes alunos frequentarem as aulas de EF. Todo o trabalho deve ser pensado em conjunto com os terapeutas para que o aluno consiga usufruir o máximo possível das aulas práticas de EF.

4 - Na sua formação inicial teve alguma formação ou foram abordados conteúdos para alunos com NEE? Na altura que tirei a formação era bastante teórica, mas nenhuma disciplina trabalhava estas questões.

4.1 - Já realizou alguma formação posterior sobre este assunto? Sim, apenas uma, não específica para a EF, mas sim no geral de EE.

4.2 - Que lacunas de formação é que acha que tem? 4.3 - Como acha que pode ser organizada essa formação? 4.4 - Sente que necessita de algum tipo de formação extra para melhorar a prática pedagógica? Claro a formação dá-nos a teoria, mas só no estágio e durante os anos de prática é que foi possível arranjar as estratégias e conhecer melhor os métodos mais adequados às diferentes situações. Sendo que nenhuma teoria é válida para as diferentes turmas que vou tendo ao longo dos anos, mas é possível convergir exercícios e as estratégias para melhorar a prática pedagógica.

4.5 - Qual a importância que atribui a debates e troca de opiniões/de experiências entre colegas? Extremamente importante e cada vez mais importante e sinto que os colegas estão mais sensíveis a estes assuntos e querem melhorar a sua relação com os alunos e ter aulas em que todos alcancem os objetivos e os professores tem trabalhado mais entre si para proporcionar ao aluno o sucesso.

Categoria	Sub categorias	Sujeito A	Sujeito B	Sujeito C	Sujeito D	Sujeito E
Organização	Aspetos positivos	<p>Uma maior responsabilização do professor;</p> <p>“legalizar” essa nossa adaptação;</p> <p>Pelas características da nossa disciplina, por ser uma disciplina prática que exige o corpo de cada um, nós já realizávamos adaptações específicas a cada aluno (quer</p>	<p>Um professor já fazia e ajustes depois, sim, depois a parte dos conhecimentos, que é a parte teórica, já era adaptado a cada um.</p> <p>Na prática, nas aulas de educação física, depende do grau de dificuldade ou deficiência de cada um.</p>	<p>Há alunos que têm as suas características muito próprias e requerem uma adaptação da aula e em certos casos levam toda a atenção do nosso trabalho;</p>	<p>Maiores debates com professores de outras disciplinas para ajudar o aluno em todos os aspetos</p> <p>O aluno passa muito mais tempo com a sua turma e um professor tem que estar em constante adaptação da sua prática para que consiga ir de encontro às necessidades de cada aluno e ao longo do ano há pouca formação.</p>	<p>Houve uma alteração bastante grande que permitiu que todos os alunos frequentem as escolas e em específico nas turmas. Permitiu integrar todos os alunos na escola e perceber que todos – desde diretores, professores, funcionários e alunos temos que estar envolvidos para que o aluno se sinta bem na escola, se sinta integrado e que se desenvolva as suas capacidades e potencialidades.</p>
	Aspetos negativos	<p>Maior burocracia,</p> <p>Menor responsabilização por parte dos EE e alunos</p> <p>“...veio a desresponsabilizar/desculpar os alunos e os EE”</p> <p>“. Não há professores suficientes de educação especial, nem há professores suficientes de educação física para permitir uma</p>	<p>Preencher mais documentos, mais burocracia</p> <p>Reuniões mais longas dos conselhos de turma.</p>	<p>O que senti foi um impacto nas reuniões de conselho de turma;</p> <p>Os professores do conselho de turma precisam de ajuda para adaptar os conteúdos a todos os alunos</p> <p>...se não houver uma continuidade pedagógica torna-se muito difícil iniciar e desenvolver o trabalho com</p>	<p>Muito mais burocracia e os professores mais velhos, sem experiência informática têm que solicitar ajuda aos mais novos.</p> <p>Há uma falta de formação em relação à adaptação dos conteúdos específicos de cada disciplina para cada aluno.</p>	<p>Por outro lado, um maior trabalho a nível burocrático, um aumento de alunos com medidas adicionais que não se verifica no aumento de professores de Educação Especial para apoiá-los. Os professores de EE não estão com os alunos e estes são um colocados sozinhos nas aulas, sem qualquer tipo de apoio e de ajuda para conseguir acompanhar o ritmo da aula e</p>

Anexo VIII – Análise do conteúdo

		coadjuvação, por exemplo.” “Procuramos um ensino idealístico/perfeito sem responsabilização dos intervenientes.”		os alunos todos os anos letivos		acaba por haver quebras a aula.
Prática pedagógica	Problemática dos alunos com MA	“tenho alunos com problemas de saúde que implica a existência de medidas; alunos com autismo; alunos com dificuldades cognitivas e alunos que estão desligados da escola aos quais se exige também medidas.”		Com paralisia cerebral e autismo essencialmente.	Características de todo o tipo. Desde problemas motores, cognitivos, baixa visão e problemas de integração social.	Para além dos problemas a nível motor e a nível cognitivo, tenho mais problemas a nível de comportamento.
	Informação das problemáticas dos alunos com MA	“...início de cada ano em reunião de CT, o DT ou a EMAEI”	No início do ano na reunião de turma do Conselho de turma é sempre a diretora de turma que faz essa referência. Se for um aluno que já vem referenciado, surge a docente de educação especial que informa as necessidades dos alunos.	O professor de EE pode pensar que há transmissão (do professor que coloca a baixa médica) destas informações específicas, mas isso nem sempre acontece.	É feita na reunião do CT em que são disponibilizadas as informações pelo DT, EE. A EMAEI só começa a funcionar depois das primeiras reuniões do CT e então a informação mais detalhada só vem após a análise de alguns documentos.	Sim, no início de cada ano letivo é sempre dado tempo aos colegas para partilhar a informação do processo de cada aluno nos CT, pelo DT ou pelo docente de EE. Ao longo do ano letivo incluem os terapeutas, fisioterapeutas ou psicólogos.
	Dificuldades sentidas nas aulas	“devido às suas problemáticas não se integravam com os colegas, ou com o barulho do espaço” o elevado número de alunos e o reduzido número de professores	Em alguns casos os alunos só trabalham com alguns colegas, no caso do aluno com autismo ..mas para a realização de exercícios e por isso precisava de outro tipo de trabalho, mais específico. ...e mesmo os mais autónomos, não	Níveis muito diferentes entre os alunos. Pode haver alunas/os que não estão motivadas/os para a prática, se houver outro aluno/a com défice cognitivo ou se outros alunos/as só quiserem muita	Turmas com muitos alunos, muito barulho, e locais com pouco espaço para trabalhar. Considero que também há bastantes conteúdos para trabalhar com os alunos e pouco tempo para colocá-los em prática.	Inclusão de muitos alunos com muitas necessidades específicas e em que o aluno pode não estar integrado na turma. As condições que a escola proporciona não são as melhores, turmas bastante grandes, aulas demasiado extensas, poucos recursos a nível

		aguentam os 100 minutos, os blocos de 100min, pois o seu foco de atenção vai desaparecendo.	competição e encontrar um equilíbrio entre estas situações torna-se difícil.		de material e degradado. As turmas são bastante heterogéneas e requerem exercícios com o mesmo conteúdo mas com complexidade diferente
Apoio de outros professores	Sempre sozinha	Isso depende de escola para escola, há escolas que aceitam e que percebem que o aluno o não pode ir sozinho ou que nem deveria vir, noutras vai uma assistente operacional. Noutra, por exemplo, era um professor de educação física que tinha redução da carga horária, devido à idade, que acompanhava o aluno, que fazia coadjuvação.		Nas aulas práticas, ao longo destes tive uma vez apoio da professora de EE numa aluna de baixa visão, mas a colega não conseguia ajudar muito pois não dominava a matéria e os conteúdos.	Raramente tive algum apoio na parte prática da aula, sinto mais apoio extra aula do que propriamente no tempo da aula de EF.
Estratégias utilizadas	<p>“o trabalho de pares é sempre o ideal para a integração”</p> <p>“procuro sempre ter grupos heterogéneos de trabalho, em que os elementos vão trocando de grupo”</p> <p>Em relação à especificidade do aluno com medidas, procuro falar com a professora de Educação Especial e com os meus colegas, se mesmo assim não resultar tenho que pesquisar na internet, normalmente no youtube.</p>	<p>Jogos de interação entre todos.</p> <p>Trabalho de pares</p> <p>Depende de aluno para aluno, depende da turma, depende do contexto e das condições que tenho para aplicar o pretendido</p>	<p>Definir os objetivos para cada modalidade, informar que cada aluno tem para trabalhar para atingir os mesmos; Trabalho de pares; trabalho de entre ajuda.</p> <p>Trabalhos em pequenos grupos, trabalhos em circuito, trabalho por estações.</p>	Todas as aulas são planeadas para cada turma, os exercícios pensados e adaptados para trabalhar os conteúdos, durante o decorrer da aula tento transmitir os feedbacks necessários para o aluno melhorar a sua prática, tento que os alunos tenham varias situações de aprendizagem, com muito tempo de prática e pouco tempo de espera. Depois das aulas tento perceber os aspetos que correram menos bem e menos	Primeiro penso que é fundamental um bom planeamento anual, da modalidade e da aula propriamente dita, os objetivos têm que ser claramente definidos e adaptados a cada turma. Tento criar grupos pequenos e em que as minhas instruções sejam dadas de forma individual e que consigam chegar mais facilmente, do que se expuser a um grande grupo de alunos. Tento sempre que as aulas tenham sempre a mesma estrutura – aquecimento, exercícios em circuito ou por

EF Importância da					<p>mal para mudar, melhorar ou usar de novo esses aspetos. Planeamento prévio, reflexão, responsabilização do aluno para realizar a tarefa para atingir o objetivo da tarefa proposta.</p>	<p>estações e que estejam muito tempo em prática. É essencial haver, numa primeira fase, uma sensibilização junto dos colegas de turma e apelar a colaboração dos colegas para que todos os alunos participem ativamente na aula.</p>
	Recursos da escola	<p>Não. E quase nenhuma escola tem. A nossa disciplina exige espaços específicos e material específico, que muitas das vezes por questões orçamentais não existe. Mas também o elevado número de alunos e o reduzido número de professores não proporcionam as melhores condições.</p>	<p>Normalmente as escolas tem o que é necessário a nível de recursos materiais, faltando mesmo recursos humanos e em específico os que dominem os conteúdos de EF</p>	<p>os problemas passariam por turmas mais pequenas e por haver mais recursos humanos; exista mais professores coadjuvantes; muito barulho para além de pouco espaço; o material está um pouco degradado,</p>	<p>Em algumas escolas, as bolas são demasiado duras, dificultando a manipulação, as raquetes de badminton estão estragadas ou são demasiado grandes, os colchões da ginástica estão um degradados, o piso, quando chove, tem água o que é perigoso para a prática. E existe pouco material para trabalhar a psicomotricidade, nomeadamente a estabilidade postural, da lateralidade, da estruturação espacial e temporal.</p>	<p>Na aula de EF dou muita importância ao trabalho do aluno com o seu próprio corpo, claro que os recursos materiais são importantes, mas procuro que haja divisão de trabalho e divisão de tarefas em que há vários exercícios diferentes em que os alunos trabalham conteúdos diferentes e de modalidades diferentes. Outro recurso que considero importante são os recursos humanos, pois, como sou só um, não consigo dar atenção a todos os alunos em particular e uma ajuda seria fundamental.</p>
	Objetivo da presença dos alunos com MA na aula de EF	<p>“por não valorizarem a EF e não se comprometem com o processo de aprendizagem.” “Muito importante a nível social, pois os alunos sentem-</p>	<p>Essencialmente a nível social. e este faz parte da turma, logo tem o direito a frequentar todas as aulas e atingir todos os objetivos que estão no currículo.</p>	<p>A importância é que todos os alunos consigam atingir as aprendizagens essenciais que estão descritas para cada aluno. É</p>	<p>O professor de educação física que tem que adaptar o objetivo ao aluno e alcançar o mínimo desse objetivo já é uma vitória. Dá muito trabalho</p>	<p>Há casos muito complicados em que não é possível eles atingirem certos conteúdos, mas Pequenos objetivos fazem na diferença na vida de um individuo e penso que</p>

	<p>se realizados por atingir determinados objetivos e melhoram a nível da auto estima, sentimentos de alegria e de motivação. É uma alegria vê-los a sentirem-se bem com eles próprios e com os colegas”</p> <p>“penso que sim, mas não devem ser “abandonados” na aula e talvez haver uma progressão em que o professor coadjuvante ou de EE o ajude no primeiro período a inteirar-se dos hábitos, das regras e de como pedir apoio caso necessite.”</p>	<p>Agora o currículo pode ser adaptado, mas tem que atingir as aprendizagens essenciais mínimas e depende da especificidade de cada aluno e do currículo que é proposto para cada um realizar.</p>	<p>importante a nível social e quando o aluno está muito bem integrado na turma é bastante positivo.</p>	<p>em especial quando se tem muitas turmas e muitos alunos para se conhecer e perceber o que se adapta a cada, mas é fundamental que todos trabalhem os principais conteúdos. Agora também considero que este trabalho e a sua presença poderia ser valorizado com uma pessoa que trabalhasse em específico as necessidades do aluno.</p>	<p>é por aí que os objetivos têm que ser delineados para estas crianças em específico. A EF deveria ter como objetivo aumentar a auto estima, trabalhar as habilidades motoras e ter a capacidade de resolver situações que são apresentadas ao longo da aula. Se o aluno estiver integrado claro que considero fundamental frequentar as aulas de EF. As questões motoras e as questões sociais devem ser sempre um motivo importante para estes alunos frequentarem as aulas de EF. Todo o trabalho deve ser pensado em conjunto com os terapeutas para que o aluno consiga usufruir o máximo possível das aulas práticas de EF.</p>
<p>Debates com os colegas</p>	<p>É de extrema importância. Daí eu também considerar extremamente importante o trabalho de coadjuvação em casos de turmas com elevado número de medidas.</p>	<p>muito importante, principalmente o professor que rabalhou, por exemplo, nos anos anteriores com o aluno, porque já sabe as especificidades do aluno e já sabe o que é que ele trabalha melhor, o que já fez e quais os objetivos seguintes</p>	<p>Nas reuniões de departamento tento sempre expor o meu problema para debater e arranjar soluções com os meus colegas mais experientes.</p>	<p>Seja nas reuniões de departamento, seja nas reuniões do CT, onde há a presença de todos os professores de todas as disciplinas considero importante debater a situação do aluno com medidas e arranjar as melhores estratégias. Torna-se difícil</p>	<p>Extremamente importante e cada vez mais importante, os colegas estão mais sensíveis a estes assuntos e querem melhorar a sua relação com os alunos e ter aulas em que todos alcancem os objetivos e os professores tem trabalhado mais entre si para proporcionar ao aluno o sucesso.</p>

					manter o foco no que é essencial, mas como são todos profissionais e com vontade de fazer mais e melhor chega-se a atingir o objetivo .	
Formação	Faculdade	Sim (...) A faculdade dá-nos algumas bases sobre o tipo de trabalho, por exemplo, com um aluno em cadeira de rodas, no entanto na realidade esse aluno não trabalha isolado. Por isso só a prática nos ensina a conjugar o trabalho com alunos “normais” conjuntamente com os alunos com algum tipo de problemática.	só no mestrado é que tive algum uma disciplina sobre o EE. Uma cadeira é muito pouco	Durante o mestrado não tive uma disciplina específica para esta problemática.	Durante o meu estágio profissional tive um aluno com défice cognitivo e nem aí me foi explicado de forma objetiva o que o aluno precisava trabalhar. O aluno estava integrado na turma e o aluno realizava todos os exercícios que eu propunha. Isto para dizer que só nesse espaço de tempo é que tive alguma aprendizagem e alguma experiência prática, caso contrário não tive nenhuma disciplina específica para alunos com medidas.	Na altura que tirei a formação era bastante teórica, mas nenhuma disciplina trabalhava estas questões. Claro a formação dá-nos a teoria, mas só no estágio e durante os anos de prática é que foi possível arranjar as estratégias e conhecer melhor os métodos mais adequados às diferentes situações. Sendo que nenhuma teoria é válida para as diferentes turmas que vou tendo ao longo dos anos, mas é possível convergir exercícios e as estratégias para melhorar a prática pedagógica.
	Pós Faculdade	Não Não há formação que possa resolver. Estamos em constantes mudanças, Por muita formação que se tenha é difícil a um professor		Faço ações do CCPFC. Sim e formação devia ser gratuita e deveria haver mais formações em relação à educação especial.	Só ações que são obrigatórias, mas poucas são relacionadas com este tema.	Sim, apenas uma, não específica para a EF, mas sim no geral de EE.

	atender às características específicas de 25 alunos.				
Como pesquisa e melhora a sua PP	As estratégias que aplico na aula são as que uso no meu dia-a-dia enquanto profissional, aplicar um exercício, ir adaptando ao longo da aula e perceber se foi eficaz ou se houve muito tempo de espera e pouco de prática.	Se não me sinto insegura ou se preciso de procurar resposta tento sempre procurar . Falo com o meu marido que também é professor de EF, troco ideias com colegas de varias disciplinas, procuro em livros de educação física e, leio livros específicos consoante a necessidade do aluno.	Debates com colegas, muita reflexão, muito planeamento e visualização de vídeos que se possam adequar às situações e problemas que tenho nas diferentes turmas. Considero que depois da formação, a experiência e a reflexão tornam-se o mais importante	Pesquisa a nível bibliotecário ou na própria internet, Colaboração com os colegas, colaboração com o colega de EE e professor que já tenha trabalhado com o aluno. Recorro também aos terapeutas da escola.	A estratégia que utilizo advém da experiência ao longo dos anos, de formações que fiz e que faço, da troca de ideias com os colegas, da minha experiência como treinador de uma modalidade coletiva, da reflexão que faço após as aulas sobre os pontos positivos e pontos negativos da aula.